



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL  
CAMPUS CHAPECÓ  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**ANA MARIA DE OLIVEIRA**

**CONSTRUINDO UMA IMAGEM IMPERIAL EM BIZÂNCIO:  
NARRATIVA SOBRE A BASÍLICA DE SANTA SOFIA EM *DAS CONSTRUÇÕES*, DE  
PROCÓPIO DE CESAREIA – SÉCULO VI**

**CHAPECÓ  
2017**

**ANA MARIA DE OLIVEIRA**

**CONSTRUINDO UMA IMAGEM IMPERIAL EM BIZÂNCIO:  
NARRATIVA SOBRE A BASÍLICA DE SANTA SOFIA EM *DAS CONSTRUÇÕES*, DE  
PROCÓPIO DE CESAREIA – SÉCULO VI**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul, como requisito para obtenção do título de Licenciada em História.

Orientador: Prof. Dr. Renato Viana Boy

**CHAPECÓ**

**2017**

## PROGRAD/DBIB - Divisão de Bibliotecas

Oliveira, Ana Maria de  
Construindo uma imagem imperial em Bizâncio:  
Narrativa sobre a basílica de Santa Sofia em Das  
Construções, de Procópio de Cesareia - Século VI/ Ana  
Maria de Oliveira. -- 2017.  
62 f.:il.

Orientador: Renato Viana Boy.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de  
licenciatura em história , Chapecó, SC, 2017.

1. Procópio de Cesareia. 2. Das Construções. 3. Santa  
Sofia. 4. Justiniano. 5. Império e Igreja. I. Boy,  
Renato Viana, orient. II. Universidade Federal da  
Fronteira Sul. III. Título.

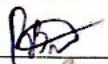


SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

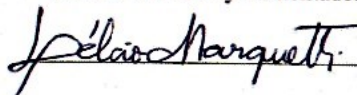
**ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

Aos onze dias do mês de julho de dois mil e dezessete, às quinze horas e quarenta e cinco minutos nas dependências do Campus Chapecó da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), reuniu-se a banca avaliadora da monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso constituída pelos professores: **Renato Viana Boy (Orientador), Délcio Marquetti (UFFS/Chapecó) e João Vicente Publio Dias (Johannes Gutenberg Universität - Mainz/ Alemanha).** O Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em História elaborado pela acadêmica **Ana Maria de Oliveira** sob o título: *Construindo uma imagem imperial em Bizâncio: narrativa sobre a Basílica de Santa Sofia em Das Construções, de Procópio de Cesareia – século VI* obteve a média final 9,5 sendo considerado Aprovado.

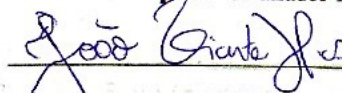
Chapecó - SC, 11 de julho de 2017.

  
\_\_\_\_\_

**Renato Viana Boy - Orientador**

  
\_\_\_\_\_

**Délcio Marquetti - Avaliador 1**

  
\_\_\_\_\_

**João Vicente Publio Dias - Avaliador 2**

Para minha mãe, Rozane, meu pai, José,  
e meus irmãos Altair e Daiane.

## AGRADECIMENTOS

Quando olho para a trajetória percorrida até aqui, logo penso em quão inimagináveis eram para mim todos os aprendizados que seriam possibilitados por essa caminhada. Todo esse percurso, sem sombra de dúvidas, só foi possível graças ao apoio de várias pessoas, em especial aos esforços de minha mãe, Rozane, a quem aqui presto os mais sinceros agradecimentos e reconhecimento.

Agradeço ainda ao meu pai, José, aos meus irmãos Altair e Daiane, e aos meus cunhados, Viviane e Leonaldo, que mesmo com a distância estiveram comigo nesta fase. Aos meus sobrinhos, Gabriel, Rayana, Rafael, João Francisco e Arthur, que tanto me alegraram, encantaram e distraíram nos mais diversos momentos.

Ao professor Renato Viana Boy, que há quatro anos contribui para minha formação acadêmica e para esta pesquisa, promovendo reflexões e debates na área de História Antiga e Medieval, tanto em sala de aula, quanto no Laboratório de Estudos Medievais, núcleo UFFS. Agradeço também pela paciência, apoio e incentivo ao longo de todo esse tempo. Ao professor Mateus Gamba Torres, com as aulas de Teoria e Metodologia da História e o incentivo ao trabalho com fontes, que deram o pontapé inicial à pesquisa.

Aos professores Délcio Marquetti, Francimar Petroli, Daiane Vaiz Machado e aos colegas do LEME, que tantas considerações, leituras atentas e discussões possibilitaram para este estudo. Aos demais professores do colegiado do curso de História do *campus* Chapecó, pelos aprendizados não apenas de âmbito acadêmico e profissional, mas também que auxiliaram no meu desenvolvimento pessoal. Ao professor Juliano Caram, do colegiado do curso de Filosofia, pelas aulas e apoio com o grego antigo. Ao professor João Vicente de Medeiros Publio Dias, pela leitura e por aceitar fazer parte da banca, mesmo de longe.

A todos os amigos que fui encontrando ao longo desse caminho. Agradeço em especial a Adjane Ribolli, Gabriele Alana Jochem, Jéssica Kammler, Maristela Freitas, Geise Targa, Marina Ferreira, ao Flávio Luís Borges e ao Maicon Fernando Guarese, por todas as conversas que tanto me agregaram, além de todo o cuidado, carinho e paciência que tiveram comigo. À Lucilley Gonçalves, que mesmo distante sempre demonstrou o seu apoio.

À UFFS, pelo financiamento da pesquisa.

A todos que contribuíram, muito obrigada.

## RESUMO

O presente trabalho lança um olhar sobre os relatos da reconstrução da basílica de Santa Sofia, contidos no *Livro I* da obra *Das Construções*, que foram escritos por Procópio de Cesareia, no século VI, a pedido do Imperador Justiniano. Nos dispomos, assim, a compreender como as narrativas são usadas a favor do poder imperial, à medida que a descrição criou uma imagem historiográfica de Justiniano, a qual, por conseguinte, consolidou e fortaleceu seu governo. Para tanto, no primeiro capítulo buscamos compreender o autor e seu trabalho, apresentando alguns caminhos que levam a reflexões sobre Procópio de Cesareia e seu livro, *Das Construções*. No segundo capítulo, pensamos como ocorreu a construção da união entre Império e Igreja, que chegou ao século VI consolidada, e então serviu como base para a representação política criada para Justiniano. Desta forma, observamos como Procópio apropriou-se ainda dessa representação para compor suas narrativas. Também neste capítulo, procuramos observar a função que Santa Sofia já exercia anteriormente nesta relação, de demonstrar a junção destes dois poderes. Isso possibilita observar a relevância histórica de uma reconstrução no século VI e, de deixar um legado escrito sobre estes acontecimentos. Assim, no terceiro capítulo, analisamos o papel histórico dos relatos sobre a basílica, ao construir uma imagem historiográfica do poder imperial, diante da forma como foi elaborado por Procópio. Foi possível, então, perceber que Justiniano e Procópio se utilizaram de heranças tradicionais a Bizâncio, sendo elas a relação com a cristandade e o espaço de religiosidade e memória presente na basílica, para consolidar o poder do governante diante não só da reconstrução de Santa Sofia, mas também através da criação de uma imagem historiográfica em uma narrativa, a qual se apropriou de todos esses aspectos.

Palavras-chave: Procópio de Cesareia. *Das Construções*. Santa Sofia. Justiniano. Império e Igreja.

## ABSTRACT

The present study performs a look on the stories about the reconstruction of the Hagia Sophia contained in the *Book I* of the work *On Buildings*, wrote by Procopius of Caesarea in the VI Century at the request of Emperor Justinian. We are willing, therefore, to comprehend how the narratives are used in favor of imperial power, since the description created an historiographic image of Justinian which, thereafter, consolidated and strenghtened his government. In order to do that, in the first chapter we aimed to comprehend the author and his work, introducing some paths that lead us to reflections on Procopius de Cesarea and his book *On Buildings*. In the second chapter, we approach how the union between Empire and Church, that was already consolidated in the VI Century and worked as a basis for the political representation created for Justinian, has happened. Thereby, we take a look on how Procopius has appropriated this representation to create his narratives. In the same chapter, we try to observe the function that the Hagia Sophia has previously exercised in this relation, demonstrating the junction of these two powers. That allows us to observe the historic relevance of a reconstruction that took place in the VI Century and to leave a written legacy of these events. Thus, in the third chapter, we have analyzed the historic role of the stories about the basilica, stories in which an historiographic image of the imperial power was created as a consequence of the way they were developed by Procopius. It was made possible, then, to realize that Justinian and Procopius made use of tradicional Byzantine heritages, being them the relation with Christianity and the space of religiosity and memory present in the basilica, to consolidate the power of governor not only by the reconstruction of the Hagia Sofia, but also through the creation of an historiographic image in a narrative that appropriats all these aspects.

Keywords: Procopius of Caesarea. *On Buildings*. Hagia Sophia. Justinian. Empire and Church.



## SUMÁRIO

|     |   |    |
|-----|---|----|
| 1   | INTRODUÇÃO .....  | 10 |
| 2   | PROCÓPIO DE CESAREIA E <i>DAS CONSTRUÇÕES</i> : REFLEXÕES SOBRE O AUTOR E A FONTE .....                     | 14 |
| 2.1 | ENTENDENDO O AUTOR.....   | 14 |
| 2.2 | ENTENDENDO A FONTE.....   | 19 |
| 3   | IMPÉRIO E IGREJA: A UNIÃO DE DOIS PODERES PARA UMA EDIFICAÇÃO POLÍTICA DE JUSTINIANO .....                  | 27 |
| 4   | NARRATIVAS SOBRE A BASÍLICA DE SANTA SOFIA: UMA CONSTRUÇÃO DA IMAGEM HISTORIOGRÁFICA DO PODER IMPERIAL..... | 41 |
| 5   | CONSIDERAÇÕES FINAIS.....   | 54 |
| 6   | FONTES.....   | 56 |
| 7   | REFERÊNCIAS.....  | 56 |
|     | ANEXO A – Mapa do Império no século VI.....   | 59 |
|     | ANEXO B – Mapa de Constantinopla no século VI.....  | 60 |
|     | ANEXO C – Planta da basílica de Santa Sofia .....   | 61 |
|     | ANEXO D – Imagens da basílica de Santa Sofia .....  | 62 |

## 1 INTRODUÇÃO

Falar de História Medieval no Brasil compreende uma série de desafios, muitos dos quais foram gerados a partir das experiências com os trabalhos já desenvolvidos e outros que surgem perante a necessidade de responder as demandas atuais. No entanto, Aline Dias da Silveira, em estudo recente, aponta a necessidade de enfrentarmos estes desafios, buscando construir continuamente o nosso espaço no desenvolvimento da compreensão histórica, a partir das reflexões que podemos levantar para a área<sup>1</sup>.

É nessa tentativa de nos aproximarmos de uma “descolonização” da Idade Média, a qual visa apresentar aos europeus o olhar do “outro”, que nos dispomos a pensar a Antiguidade Tardia bizantina de um local geograficamente tão distante de onde estamos, mas que há algum tempo tem passado por um processo de aproximação acadêmica<sup>2</sup>. É visando nos inserirmos em debates historiográficos atuais que nos dispomos, neste estudo, a pensar Constantinopla, espaço que compreende a atual cidade de Istambul, na Turquia, durante o século VI<sup>3</sup>.

Neste período, segundo Steven Runciman<sup>4</sup>, a capital do Império Bizantino<sup>5</sup> foi dominada pela figura de Justiniano, Imperador entre os anos de 527 e 565. No entanto, sua atuação política começou durante o governo de seu tio, Justino I (518-527), quem o levou para a corte, desempenhando virtualmente uma regência.

Também é desta época a relação política de Justiniano com as denominadas “facções de circo”<sup>6</sup> Azuis e Verdes, sendo que para que seu tio chegasse ao poder em 518, Michael Angold<sup>7</sup> conta que o sobrinho subornou-as. Contudo, quando em 527, Justiniano passou ao

<sup>1</sup> SILVEIRA, Aline Dias da. Algumas experiências, perspectivas e desafios da Medievalística no Brasil frente às demandas atuais. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 36, nº 72, 2016, p. 53.

<sup>2</sup> SILVEIRA, op. cit., p. 52.

<sup>3</sup> Ver mapa do Império durante o século VI, no Anexo A.

<sup>4</sup> RUNCIMAN, Steven. *A civilização Bizantina*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977, p. 28.

<sup>5</sup> É importante salientar que durante o século VI o termo *Bizâncio* era utilizado para referir-se exclusivamente a sua capital, Constantinopla. Já o termo *Império Bizantino* refere-se às fronteiras políticas imperiais como um todo e, além disso, é uma criação historiográfica posterior. Cf. em BOY, Renato Viana. *Procópio de Cesareia e as disputas entre romanos e bárbaros na Guerra Gótica: da “Queda de Roma” ao período de Justiniano*. Tese (Doutorado em História Social). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013, p. 15.

<sup>6</sup> As facções, originalmente os grupos de torcedores das competições de biga que ocorriam no hipódromo, ao longo do tempo passaram a atuar politicamente. Runciman (1977, p. 59) explica a dimensão política que estas facções tomaram. O autor enfatiza que das divisões ou *demes* surgiram entidades municipais com governo próprio, subdivididas em civis, que eram chamadas de Políticas e governadas por um demarca, e em militares, também conhecidas como Peráticas e governadas por um democrata. Entre ambas havia ciúmes mútuos, adotando sempre posições antagônicas. Sobre isso também é possível conferir o trabalho de Evans em *The Age of Justinian*, em que é destacada a atuação das facções ao longo de todo o período de Justiniano.

<sup>7</sup> ANGOLD, Michael. *Bizâncio: a ponte da antiguidade para a Idade Média*. Rio de Janeiro: Imago, 2002, p. 31-33.

governo a política de tratamento alterou-se. O Imperador passou a adotar medidas para punir ambos os grupos por crimes que vinham ocorrendo, tais como roubos e assassinatos, em uma tentativa de discipliná-los.

Isso gerou um grande embate, em um episódio que ficou conhecido como *Revolta de Nika*. No levante, ocorrido em 532, o núcleo da cidade foi destruído entre o Foro de Constantino e a *Augustaion*<sup>8</sup>. Então, o Imperador, com o apoio das forças militares comandadas pelo general do Império, Belisário, conteve a revolta após a morte de cerca de 30.000 pessoas<sup>9</sup>.

Os autores que se dispõem a estudar estes acontecimentos têm como fonte para fazer uma análise do período o historiador Procópio de Cesareia (490-562). Este nasceu na Cesareia Palestina e, em 527 se tornou conselheiro de Belisário. A partir desse ano, o acompanhou tanto em combates quanto em estadias na capital, escrevendo sobre os acontecimentos em torno das campanhas militares de Justiniano, na obra que ficou conhecida como *História das Guerras*, publicada em oito volumes entre os anos de 551 e 554. São nestas narrativas que estão descritos os fatos referentes à revolta. Entretanto, as destruições dos edifícios considerados importantes para a cidade, ocorridas neste levante, recebem atenção especial na obra *Das Construções*.

Nela, o primeiro relato de Procópio é do incêndio que atingiu a basílica de Santa Sofia na sedição e que motivou o imperador a querer reconstruí-la de modo que ficasse ainda maior e mais suntuosa após sua reinauguração, em 537. O livro constitui, portanto, a fonte para este trabalho. Sua primeira publicação teria ocorrido, contudo, em data bem posterior aos eventos. A edição crítica da *Loeb Classical Library*<sup>10</sup>, aqui utilizada, fala que talvez isso tenha ocorrido por volta do ano 558.

O escritor de nossa fonte é responsável também por uma obra de críticas ao governo de Justiniano, especialmente à sua esposa Teodora (527-548), e ao general Belisário, juntamente com sua consorte, Antonina. O livro se intitula *História Secreta* e foi descoberto somente em 1623, na Livraria do Vaticano. Juntos, seus trabalhos constituem as principais fontes para estudos do século VI bizantino. Nesta pesquisa, nos ateremos às suas narrativas sobre a basílica de Santa Sofia.

---

<sup>8</sup> Ver mapa da cidade de Constantinopla, no Anexo B.

<sup>9</sup> ANGOLD, op. cit., p. 33.

<sup>10</sup> Trata-se de uma coleção organizada pela Harvard University Press, sendo a única que apresenta o texto original e uma tradução para o inglês. A obra *Das Construções* de que nos valem para esta pesquisa é, portanto, bilíngue, sendo que o texto foi escrito por Procópio em grego, a que recorreremos em caso de dúvidas ao longo do processo de tradução do inglês.

A obra *Das Construções* já foi muito trabalhada por outros historiadores, em diferentes perspectivas. Em aspectos mais gerais, é possível encontrar estudos baseados nas narrativas de Procópio que fazem uma articulação entre os três trabalhos do historiador. Também há uma gama de análises da história de Justiniano e de Teodora que se utilizam *Das Construções*, por exemplo, ou que se referem a questões mais específicas, como discussões sobre sua data de publicação, levantando reflexões sobre as variações nos nomes utilizados para referir-se a Santa Sofia, e até sobre as dificuldades com a origem de tal denominação.

Destacam-se aqui as pesquisas de James Allan Stewart Evans (2001, 1969) em *The Age of Justinian: The Circumstances of Imperial Power* e ainda em *The Dates of the Anecdota and the de Aedificiis of Procopius*, além de análises como as de Michael Whitby (1985) em *Justinian's Bridge over the Sangarius and the Date of Procopius' de Aedificiis* e Averil Cameron (1969, 2005) em *Procopius and the Church of St. Sophia* e *Procopius and the Sixty Century*, entre inúmeras outras. Diante dos clássicos, nomes como o de Edward Gibbon em *Declínio e Queda do Império Romano* (1776) é amplamente conhecido por se tratar de um dos primeiros estudos referentes à “Queda de Roma” e que apresenta aspectos do governo de Justiniano.

Ao focarmos nos relatos referentes à reconstrução da basílica, os estudos aqui propostos objetivam compreender a forma como foi elaborada uma imagem para representar Justiniano na descrição feita por Procópio de Cesareia, que ficaria legada à historiografia. Para tanto, entendemos que o historiador apropriou-se de um cenário político específico. Procópio se valeu da união governamental com o cristianismo como pano de fundo para compor suas narrativas. Foi essa relação que tanto o historiador em seus relatos, quanto Justiniano ao longo de seu governo, utilizaram para representar politicamente o Imperador no período aqui analisado.

A proposta então é analisar o papel histórico da escrita sobre a basílica. Deste modo, enquanto compreendemos que as narrativas serviram para criar uma memória imperial, consideramos que para que isso fosse possível, Justiniano usou de um lugar de memória consagrado ao exercício do poder governamental cristão: Santa Sofia. É neste sentido que trabalhamos com a ideia de uma reconstrução, não de uma construção, pois já havia naquele local a importância necessária, um valor governamental sagrado, simbólico, para que fosse

reconstruído, ao observarmos o espaço destinado à basílica e sua escrita sob o viés de Pierre Nora e Régine Le Jan<sup>11</sup>.

Assim, além de se falar aqui a respeito da reconstrução da principal basílica destinada ao cristianismo ortodoxo, que serviu enquanto sede episcopal, se enfatiza o destaque na obra de um dos mais reconhecidos historiadores da época de Justiniano, que, a mando do próprio imperador, dedicou várias páginas em sua obra sobre ela. Caminhando para além dessa importância dada no próprio objeto de estudo, que é a escrita de Procópio sobre Santa Sofia, a temática elencada se justifica também por se inserir em discussões relacionadas ao estudo da história política medieval bizantina e por contribuir com as discussões historiográficas atuais sobre o tema.

Para isso, entendemos que se faz necessário inicialmente compreender quem foi o autor e qual foi o seu trabalho. Nesse sentido, no primeiro capítulo, serão levantadas reflexões sobre Procópio de Cesareia e algumas questões específicas de seu trabalho na *História das Guerras* e na *História Secreta*, que influenciam na compreensão de *Das Construções*.

No segundo capítulo, pensaremos as relações da Igreja e do Império. A análise destas duas esferas de poder demandará uma maior atenção à medida que, além de serem compreendidas como o cenário para criação da imagem de Justiniano, devem ser estudadas na complexa imbricação que ocorria entre ambas, observando que o poder imperial nesta união acaba valendo-se do cristianismo para atingir seus ideais políticos e, portanto, se impõe sobre a Igreja.

Já no terceiro e último capítulo será feita a análise dos trechos referentes à basílica de Santa Sofia que estão presentes no *Livro I* das *Construções*. A obra é uma compilação de seis livros, dos quais alguns autores sugerem ainda que o último, o *Livro VI*, seria inacabado. Ao final, o objetivo principal é analisar o processo de reconstrução da basílica conforme relatou Procópio, compreendendo o papel histórico dos relatos, percebendo-os enquanto espaço de criação da memória imperial, valendo-se da reconstrução de um espaço físico de poder e considerando o contexto político-religioso em que esteve envolto o governo de Justiniano em Bizâncio no século VI.

---

<sup>11</sup> Cf. em NORA, Pierre. Entre memória e história: A problemática dos lugares. In: *Proj. História – PUC/SP*. São Paulo, 10 dez. 1993, p. 7-28. E em LE JAN, Régine. O historiador e suas fontes: Construção, desconstrução, reconstrução. *Revista Signum*. Belo Horizonte, vol. 17, n. 1, p. 5-26, 2016.

## 2 PROCÓPIO DE CESAREIA E *DAS CONSTRUÇÕES*: REFLEXÕES SOBRE O AUTOR E A FONTE

Neste capítulo se pretende apresentar alguns caminhos que levam a reflexões sobre Procópio de Cesareia e seu livro *Das Construções*. Consideramos que observar primeiramente aspectos específicos do autor e da obra é primordial para compreensão da escrita sobre a reconstrução da basílica de Santa Sofia.

Para tanto, inicialmente são levantadas algumas discussões a respeito de quem foi Procópio, tendo como base uma bibliografia recente, que analisa a produção clássica, através de trabalhos de especialistas na área de História Bizantina. Desta forma, inserimos a pesquisa em discussões atuais, as quais, por sua vez, não deixam os clássicos de lado, mas sim, procuram lançar uma análise criteriosa sobre eles.

Em um segundo momento, abordaremos os debates historiográficos que tem permeado nossa fonte, a obra *Das Construções*. Por fim, há o cuidado de observar ainda os próprios diálogos que Procópio estabelece ao início do *Livro I*, os quais serão o principal foco de análise ao longo da pesquisa por nele constarem as narrativas sobre a basílica.

### 2.1 ENTENDENDO O AUTOR

Para compreendermos Procópio de Cesareia, há que se destacar trabalhos como os de Averil Cameron<sup>12</sup>, que trazem aspectos interessantes sobre a sua vida, pois a autora articula os três escritos do historiador a alguns acontecimentos pessoais retirados especialmente da obra *História Secreta*. Isto se deve em grande medida pelas evidências ou fontes para compreensão da história e da carreira de escritor de Procópio serem escassas, estando em sua maioria presentes nas próprias narrativas do século VI deixadas por ele<sup>13</sup>.

O estudo sobre o autor também é dificultado quando tange à obtenção de informações detalhadas sobre sua cidade natal, que era a Cesareia Palestina. Cameron conta que há poucos testemunhos do século VI sobre este local, mas sabe-se que até o século IV era um renomado centro educacional. Assim, em períodos anteriores a região era marcada pela grande circulação e diversificação de saberes, que fazem deste um espaço tradicional de educação

---

<sup>12</sup> Quanto a estes trabalhos Warren Treadgold no capítulo 6 do livro *The early byzantine Historians*, aponta que o estudo de Averil Cameron está entre os maiores sobre Procópio, sendo mais analítico apesar de enfatizar as dificuldades e minimizar as virtudes do historiador. Além dela, destacam-se as pesquisas Berthold Rubin, J. A. S. Evans, e Kaldellis. Cf. em TREADGOLD, Warren. Procopius of Caesarea. In: *The early byzantine Historians*. London: Palgrave Macmillan, 2010, p. 176.

<sup>13</sup> CAMERON, Averil. *Procopius and the sixth century*. London: Routledge, 2005. p. 4-5.

helênica. Durante o governo de Constantino, o Grande (306-337), saíram de lá nomes como o de Eusébio, um bispo de Cesareia amplamente reconhecido por seus escritos sobre a *História da Igreja* e da *Vita Constantini*<sup>14</sup>.

O lugar possuiu à época de Procópio, uma população dividida entre Cristãos e Judeus. Tal divisão resultou em perseguição religiosa na prática, e seu entendimento demonstra-se relevante à medida que influenciou o autor em seus escritos, pois ele condenou as políticas de Justiniano para as minorias religiosas, tais como a judia, na *História das Guerras*, e também em *Das Construções*, como Cameron analisa no capítulo dedicado a pensar Procópio e o cristianismo<sup>15</sup>. Conforme a autora demonstrou no decorrer de sua pesquisa, entretanto, tal desaprovação do método administrativo utilizado pelo imperador não eximiu o historiador de deixar nas três obras também vários posicionamentos que remetem a visões de grupos tradicionais<sup>16</sup>.

Para melhor entender essa possível ambiguidade advinda de uma atitude protecionista percebida na condenação das políticas contra as minorias, mas com um provável consentimento nas perseguições que ocorriam, notadas através dos posicionamentos tradicionais de Procópio nas narrativas que é percebido em Cameron, há que se destacar o estudo de Warren Treadgold. Nele, o autor concorda quanto a esta tolerância com quem era considerado pagão e também com os heréticos. Entretanto, o pesquisador também vem lembrar a respeito da formação de Procópio como estudioso de direito quando em Constantinopla<sup>17</sup>.

Deste modo, a defesa das minorias religiosas feita por Procópio se deve em grande medida à situação vivida em Cesareia e também a sua formação como defensor público, com o que ele trabalhou quando chegou à capital, durante o período do governo de Justino (518-527). Por outro lado, talvez abordar tais temas em seus escritos fosse visto como uma oportunidade de demonstrar o paganismo como uma doença. Esta precisava ser curada quando possível, entretanto sem ser perseguida<sup>18</sup>.

Ao longo de seu trabalho Cameron afirma que Procópio foi muitas vezes visto como um cético e, para apresentar sua hipótese de que ele era um cristão ortodoxo, a autora se vale de uma explicação simples, mas nem por isso pouco eficaz. Ela utiliza o livro destinado a explanar sobre a *Guerra Gótica*, onde Procópio posiciona-se falando a respeito das

<sup>14</sup> *Vida de Constantino*. CAMERON, op. cit., p. 4-5.

<sup>15</sup> Cf. em CAMERON, Averil. *Procopius and Christianity*. In: *Procopius and the sixth century*. London: Routledge, 2005. p. 113-133.

<sup>16</sup> CAMERON, op. cit., p. 4-5.

<sup>17</sup> TREADGOLD, op. cit., p.177.

<sup>18</sup> TREADGOLD, op. cit., p.177.

controversas discussões travadas pelos homens sobre a natureza de Deus<sup>19</sup>. Neste trecho o historiador alerta

Não vou relatar de modo exato os pontos do desacordo [entre a doutrina bizantina e romana], como eu tenho pensado o absurdo que é indagar qual a natureza real de Deus. Humanos nem podem entender completa e exatamente coisas humanas, deixem só o pertencimento da natureza de Deus. Pretendo ficar quieto sobre tais questões, existe a crença e ela não irá se desfazer. Nada posso dizer sobre Deus, exceto que Ele é totalmente bom e Seu poder é tudo. Mas deixe todos dizerem o que pensam sobre isso, os sacerdotes e os leigos.<sup>20</sup>

Ao enfatizar a fala de Procópio se posicionando sobre nada poder dizer de Deus, exceto que “Ele é totalmente bom”, Cameron alerta que em tal passagem o historiador está expressando sua opinião enquanto um fiel sobre sua crença. Alguns anos depois, Treadgold também enfatizou o fato do historiador ser um cristão ortodoxo ao lançar um olhar não apenas para a *Guerra Gótica*, mas ainda sobre a *História Secreta*, dialogando em seu texto com autores como Downey e a própria Cameron, além de entrar em consonância com Gibbon<sup>21</sup>.

Em suas pesquisas, Treadgold afirma que tal compreensão desta crença de Procópio no cristianismo se deve as suas manifestações nos escritos demonstrando seu respeito por monges e relíquias, acreditando em milagres e demônios, por seus princípios tradicionalistas e convenções morais. Há que se destacar ainda as referências feitas por Procópio a um Deus cristão e a própria preocupação em atentar para as práticas heréticas, situações citadas anteriormente<sup>22</sup>.

Desta forma, o modelo de escrita adotado pelo autor permite afirmar que houve uma defesa dele por concordar com um Império comandado por um governante cristão. A *História Secreta* se apresenta, nestes moldes, como a maior chave para esta afirmação, pois até mesmo quando Procópio critica Justiniano ele o faz referindo-se ao imperador como o Anticristo, ou seja, como alguém que está indo contra os princípios envolvidos na fé cristã<sup>23</sup>.

Já as atitudes políticas de Procópio manifestadas nesta obra, segundo Cameron, apontam para a possibilidade dele ter vindo de uma família cristã, pertencente ao grupo de proprietários de terras de Cesareia. Apesar das poucas informações sobre esta estirpe, as

<sup>19</sup> CAMERON, op. cit., p. 119.

<sup>20</sup> PROCOPIUS (*Gothic Wars*. I. 24.5–6 apud CAMERON, 2005, p. 119, intervenção entre colchetes da autora).

<sup>21</sup> TREADGOLD, op. cit., p. 177-178.

<sup>22</sup> TREADGOLD, op. cit., p. 177-178.

<sup>23</sup> TREADGOLD, op. cit., p. 177-178.



instruções legais que Procópio recebeu eram comuns para filhos de famílias da administração<sup>24</sup>.

Quanto a esta família e educação, Treadgold também contribui para o entendimento com as informações que levantou em seu estudo. O autor enfatiza a possibilidade de Procópio ser filho de um erudito de mesmo nome, Procópio de Edessa, o qual foi governador na Prima Palestina, durante o reinado de Anastácio, e que teria participação na educação recebida pelo seu descendente<sup>25</sup>.

A utilização de Cameron e Treadgold permite aqui uma análise mais completa da origem desta família e educação do autor, pois ao levar em consideração a possibilidade levantada de Procópio de Edessa ser de fato pai de Procópio de Cesareia, se compreenderia o próprio interesse de Procópio pela História. Isto se deve a abordagem que Treadgold faz de um pai que certamente foi historiador e de quem o filho herdou não apenas o nome, mas ainda os ensinamentos que o fariam seguir seus passos<sup>26</sup>.

A busca por compreender a vida de Procópio mostra-se, portanto, primordial para o entendimento de suas narrativas, na medida em que constituem sua trajetória. Ao olharmos as informações sobre a família e educação do historiador, por exemplo, é possível perceber aspectos relacionados ao seu posicionamento político-religioso. Neste sentido, tais elementos podem auxiliar na análise do público para quem estiveram destinados os seus escritos em Constantinopla, pois suas narrativas foram feitas de acordo com os valores do grupo em que ele veio e, por conseguinte, provavelmente era para quem se dedicavam tais registros.

Diante destas origens sociais, levanta-se aqui a possibilidade de que Procópio estava compartilhando seus preceitos religiosos e políticos nas obras com a elite tradicional da capital. Este foi o meio que o influenciou quando ele recebeu sua formação inicial em Cesareia, estudando retórica e a imitação de autores clássicos, e o ambiente onde ele esteve inserido quando viveu em Constantinopla<sup>27</sup>.

No período em que morou em Constantinopla, Procópio esteve sempre na cidade ou acompanhando o exército na Itália, levando na bagagem a forma de escrever clássica, com as problemáticas, temáticas e os objetivos que ia encontrando nas relações que eram vivenciadas. Tal probabilidade pode ser aumentada levando em consideração os anteriormente mencionados posicionamentos tradicionais do autor quanto aos demais membros da sociedade que não pertenciam ao grupo dos grandes proprietários de terras e das famílias que

---

<sup>24</sup> CAMERON, op. cit., p. 05.

<sup>25</sup> TREADGOLD, op. cit., p. 176-177.

<sup>26</sup> TREADGOLD, op. cit., p. 178.

<sup>27</sup> CAMERON, op. cit., p. 06.

administravam, o que também pode ser observado nas próprias descrições de Santa Sofia em *Das Construções* que o historiador faz, pois ele utiliza expressões como “escória”, “ímpios” e “miseráveis” para referir-se a grupos não pertencentes ao seu meio.

Há que se entender antes o período vivido por Procópio na capital. Treadgold enfatiza que o motivo da mudança do historiador a Constantinopla teria sido para tentar bens e altos cargos em 518, época em que começou a trabalhar com questões ligadas ao direito, conforme breve exposição anterior<sup>28</sup>.

Treadgold conta que com frequência jovens defensores públicos tornavam-se conselheiros legais de oficiais. Então, em 527, quando o general Belisário tornou-se Duque da Mesopotâmia, escolheu Procópio não apenas como conselheiro, mas para ser também seu secretário particular. Tal motivo para a promoção, na visão de Treadgold, certamente se devia a uma valorização do grego eloquente, da experiência como defensor público e do latim fluente de Procópio, a língua materna de Belisário e a que geralmente era utilizada no exército<sup>29</sup>.

Neste sentido, Cameron conta que até o final de sua vida, em 562, os interesses de Procópio estiveram vinculados ao sucesso do general. Desta forma, para a autora, após 540, quando as relações entre Justiniano e Belissário se alteram, houve até mesmo a diminuição do entusiasmo do escritor na elaboração das narrativas sobre as *Guerras*<sup>30</sup>.

Conforme se verá mais adiante, este período é marcado por decepções com o governo imperial e, segundo Treadgold, também por aborrecimentos de Procópio com a esposa do general, de nome Antonina, que o levaram a retirar-se da ida aos combates e a permanecer em Constantinopla, dedicando-se somente à escrita. Há que se pensar que tais insatisfações podem ser o que o levou, principalmente a partir deste período, a tecer críticas e falar sobre problemas do exército e do comando das tropas imperiais<sup>31</sup>.

Por fim, é necessário observar que as narrativas daquele período resultaram nas principais fontes para os estudos do século VI. De clássicos até estudos mais recentes, o trabalho de Procópio continua sendo objeto central para análise do período. A utilização principalmente de Cameron nesta pesquisa se deve ao fato do seu estudo procurar fazer uma crítica às interpretações clássicas, afirmando que os historiadores olharam cada uma das narrativas de Procópio de modo individual. Ela se dispôs, assim, a articulá-las, fornecendo um estudo das obras do historiador bizantino seguindo um caminho mais completo e mais

---

<sup>28</sup> TREADGOLD, op. cit., p. 178.

<sup>29</sup> TREADGOLD, op. cit., p. 179.

<sup>30</sup> CAMERON, op. cit., p. 07.

<sup>31</sup> TREADGOLD, op. cit., p. 184.

complexo de interpretação. Para tanto, ao relacionar os três trabalhos, a autora levou em consideração a sociedade e a cultura do período em que Procópio recebeu sua formação e esteve relacionado com as estruturas de poder político e militar bizantinos<sup>32</sup>.

Há que se ressaltar as dificuldades apontadas pela autora para a produção dos três escritos, cujo entendimento, por conseguinte, auxiliam diretamente na compreensão das complicações que foram enfrentadas especificamente para produção de nossa fonte, *Das Construções*. Alguns dos problemas que o autor teve na escrita das narrativas, de maneira geral, estiveram atrelados às tensões nas relações pessoais e políticas com o governo imperial, que se confrontavam em alguns aspectos<sup>33</sup>.

Um bom exemplo disso seriam as questões administrativas e religiosas, tal como o já mencionado tratamento que era aplicado às minorias. Também o próprio casamento de Justiniano com Teodora, devido ao passado da imperatriz, que havia sido prostituta. Estes pontos divergentes ainda podem ter impulsionado Procópio a escrever a *História Secreta* e, deste modo, demonstram que o influenciavam mais do que a aproximação de ambos dada pelo cristianismo, por exemplo<sup>34</sup>.

É possível destacar também os problemas advindos das omissões de Procópio, pois ele tinha seu trabalho conduzido pelos objetivos governamentais. Também é importante salientar as limitações que ele mesmo se impôs em algumas temáticas visando exaltar as narrativas militares, além de suas próprias ambições pessoais, as quais o levavam a fazer de intrigas particulares questões para análise política<sup>35</sup>.

## 2.2 ENTENDENDO A FONTE

Primeiramente, é necessário lançar um olhar sobre as especificidades encontradas nas três obras de Procópio. Para isso há que se entender o fato de cada uma representar diferentes níveis de comprometimento de Procópio com Justiniano, além da própria percepção do escritor sobre os fatos narrados.

Os três momentos de escrita foram, então, distintos na relação entre o historiador e o imperador. Nesse sentido, a elaboração da obra sobre as *Construções* foi uma tarefa de escrita repassada a Procópio, onde o discurso elaborado esteve condicionado à relação pessoal com

---

<sup>32</sup> CAMERON, op. cit., p. VIII-IX.

<sup>33</sup> CAMERON, op. cit., p. 06-07.

<sup>34</sup> CAMERON, op. cit., p. 06-07.

<sup>35</sup> CAMERON, op. cit., p. 06-07.

Justiniano. Diante disso o livro é realizado recorrendo-se ao gênero narrativo adequado: um panegírico.

Averil Cameron também diferencia a obra *Das Construções* dos outros dois escritos de Procópio ao assinalar que este é um panegírico, trabalho público e de primeira ordem delegado pelo Imperador<sup>36</sup>. No modelo narrativo escolhido por Procópio se faz um discurso em louvor a alguém através de elogios, os quais, nesta pesquisa, levam ao enaltecimento voltado especificamente para o governo de Justiniano. Desta forma, se entende aqui que esta é a distinção do trabalho, ou seja, esse intuito de fazer um discurso laudatório sobre as construções realizadas em todo o império.

Assim, não discordamos que a obra é um panegírico. Entretanto, não concordamos que ao optar por tal gênero textual, Procópio de Cesareia não estava escrevendo uma obra de História em *Das Construções*, conforme Treadgold afirma em seus estudos<sup>37</sup>. O autor aponta que o modelo de escrita adotado ao longo das narrativas, o qual consiste em listas, em descrições das construções realizadas por Justiniano, sem coloca-las em seu contexto histórico, e em elogios, não possuem qualquer pretensão de objetividade histórica. Diante disso, ao optar por um panegírico, o historiador faz com que os escritos, diante de seu tema e tratamento, não os permitam se encaixar como uma obra de História, embora Procópio adentre nesta temática logo no início do *Livro I*, conforme será visto ao final deste capítulo<sup>38</sup>.

Segundo Treadgold, até mesmo quando Procópio fala de História na narrativa não se torna possível encaixá-la nesse tipo de escrita. Para ele, quando o historiador afirma ser cumpridor de um dos propósitos da História de registrar notáveis acontecimentos, não mencionou junto com essa alegação seu compromisso histórico com a verdade, como é enfatizado no prefácio para as *Guerras*. E ao dizer nas *Construções* que iria discutir apenas o que havia sido criado por Justiniano enquanto construtor, apontava que os demais acontecimentos estavam sendo relatados nos outros livros. Assim, conforme Treadgold, o próprio Procópio não considerava os relatos das edificações uma História<sup>39</sup>.

Nossa discordância ao posicionamento de Treadgold se deve, em grande medida, à proposta de pesquisa aqui apresentada, onde nos dispomos a analisar o papel histórico das narrativas sobre a basílica. Busca-se compreendê-las enquanto um espaço utilizado pelo historiador e pelo Império para criação da memória do governante, que, por conseguinte, contribuíram para a consolidação de seu poder.

---

<sup>36</sup> CAMERON, op. cit., p. 08-10.

<sup>37</sup> TREADGOLD, op. cit., p. 190.

<sup>38</sup> TREADGOLD, op. cit., p. 190.

<sup>39</sup> TREADGOLD, op. cit., p. 190-191.

Consideramos que, quando Procópio refere-se às *Construções* como uma obra histórica, logo ao início do *Livro I*, o historiador estava sustentando a ideia da construção deste espaço de memória coletiva para seus contemporâneos e para futuras gerações. Nesse sentido, valendo-nos dos estudos de Pierre Nora para pensar a pesquisa, devemos atentar ao fato de que ao longo da História tais instituições, como a Igreja e o Império, eram os únicos produtores intencionais de lugares de memória. Aqui, tal local é compreendido no espaço físico que foi destinado a reconstrução da basílica, o qual já possuía uma memória governamental cristã, e no espaço de escrita que se apropriou desses elementos para construir as narrativas<sup>40</sup>.

Há que se observar ainda que o estilo clássico adotado por Procópio para escrever já propunha um compromisso histórico com a verdade em *Das Construções*, assim como em seus outros trabalhos. Ao recorrer a pesquisas como as de Renato Viana Boy<sup>41</sup> é possível notar que, nas narrativas das *Guerras*, Procópio se utilizou de autores como Heródoto (485-420 a. C.) e Tucídides (460-395 a. C.) para construir seus textos. Por sua vez, os estudos de Cameron<sup>42</sup> apontam que nas *Construções* o historiador recorreu ao longo do texto a modelos como os de Xenofonte (430-355 a. C.) e Diodoro (90-30 a. C.).

Há que se olhar com maior atenção, então, para tais modelos. Nesse capítulo nos ateremos a Xenofonte, por estar mais próximo temporalmente dos autores citados por Boy. Observando então os estudos sobre a antiguidade clássica, encontramos o pesquisador André Rodrigues Bertacchi. Em seu estudo sobre a obra *Panegírico*, de Isócrates, um contemporâneo de Xenofonte, o autor afirma que a narrativa foi construída com base na liberdade discursiva sobre fatos históricos. Desta forma, para colher informações a respeito dos eventos de fato ocorridos na época, o estudioso se vale da obra *As Helênicas*, de Xenofonte, para entender o período<sup>43</sup>.

O conceito de História dos autores que Procópio utiliza como modelo e o dele próprio, são firmemente atrelados com a ideia de verdade. Há que se pensar, neste sentido nas *Construções* enquanto um modo singular de discurso de louvor. Isto ocorre na medida em que se considera que, apesar de encontrarmos uma escrita voltada a exaltação ao Império nas narrativas, estas se encontram fortemente vinculadas ao seu ideal de História, ou seja, a narrar a verdade sobre os acontecimentos.

---

<sup>40</sup> NORA, op. cit., p. 7-28.

<sup>41</sup> BOY, op. cit., p. 56-81.

<sup>42</sup> CAMERON, op. cit., p. 86.

<sup>43</sup> BERTACCHI, André Rodrigues. *O panegírico de Isócrates: tradução e comentário*. Dissertação de mestrado. São Paulo: USP, 2014. p. 25-26.

Há que se considerar que ao olhar para as narrativas sobre as *Construções* rejeitando esse compromisso com a reconstrução dos fatos, que é intrínseco aos seus ideais apesar de não estar exposto, se acaba caindo em um dos problemas já levantados por Cameron que acontecem nas interpretações recentes do trabalho do historiador, pois daria margem à sugestão de que há uma “falta de comprometimento” de Procópio com a verdade, sobretudo quando se opõe o panegírico a *História Secreta*, a qual demonstraria seus “reais sentimentos”. Se posicionar dessa forma leva a não apreciação da importância do panegírico na literatura tardo-antiga, sendo para a especialista algo que se demonstra totalmente falho<sup>44</sup>. Isto se deve em grande medida também pela proposta de estudo da autora. Há que se ressaltar novamente que Cameron buscava justamente uma articulação entre estas três obras, visando desenvolver uma análise mais completa do trabalho de Procópio, que só é possível considerando a relevância histórica de todos os relatos.

Nesse sentido, entendemos que a temática elencada para a obra e o tratamento que nela é utilizado por Procópio, deriva da necessidade de criação deste papel histórico da imagem de Justiniano, que é por ele proposto ao encomendá-la, e realizado por Procópio no ato da escrita. Há que se lembrar do nosso objeto de estudo, os relatos sobre a basílica de Santa Sofia, os quais realizam tal intento durante sua descrição, conforme se verá no decorrer do trabalho.

Em Cameron não encontramos referências que afirmem que o gênero textual do tipo panegírico escolhido por Procópio é um determinante para não considerarmos a obra como pertencente à História. Para a autora, devemos ter cuidado apenas em classificar toda a narrativa a colocando dentro deste gênero de escrita, ou seja, afirmando que *Das Construções* é um panegírico ao longo de todo o seu texto. Isso se deve ao fato dos *Livros IV e V* consistirem em listas contendo registros oficiais a que Procópio teve acesso. Contudo, ela afirma que nos demais livros – no *I*, que é aqui trabalhado, no *II*, no *III* e no *VI* – os elementos evidenciando um panegírico aparecem em grande medida, pois Justiniano chega até mesmo a ser chamado de “construtor do mundo”<sup>45</sup>.

A junção destes dois elementos, ou seja, da exaltação e das listas, para a autora, constitui a originalidade do documento, pois ao passo que Procópio demonstrou interesse na maior parte da narrativa, em alguns momentos oscilou na simplicidade de listas. Isto demonstra para ela o código em que certamente o panegírico foi escrito<sup>46</sup>.

---

<sup>44</sup> CAMERON, op. cit., p. 83.

<sup>45</sup> CAMERON, op. cit., 85-86.

<sup>46</sup> CAMERON, op. cit., p. 88.

A especialista também levanta discussões a respeito da datação da obra. Ela assinala que usualmente fala-se no período entre 554/555 ou em 559/560 para sua divulgação, enquanto a edição aqui utilizada da *Loeb Classical Library*, fala no ano de 558 como uma possível data da publicação do escrito<sup>47</sup>.

Conforme Cameron, em *Das Construções* o problema da periodicidade do documento é mais sério que nos outros dois trabalhos. Para ela, tornar a obra pública em ambas as épocas demonstrava-se relevante. O livro é uma celebração da glória imperial, importante em 554, quando a Itália tinha sido finalmente vencida e boa parte do programa de construções na África tinha sido executado<sup>48</sup> e, mais ainda em 559, quando obscuras desilusões e conspirações rondavam Justiniano. Cameron acredita que não há argumentos formais para datar a obra de modo conclusivo<sup>49</sup>. Aqui, a variação de época resulta em uma diferença na compreensão das descrições de Santa Sofia, que sofreria uma alteração a depender da data.

A problemática se soma a necessidade, então, de compreender os objetivos de Procópio com a escrita. Ao pensarmos no ano 558 para a publicação, assim como apresentado na própria obra pelos editores, traria a possibilidade de se pensar na queda da cúpula de Santa Sofia, que data deste mesmo ano, sendo um assunto pelo qual Procópio passou em total silêncio. Até essa data, a cúpula era considerada uma inovação arquitetônica para a época devido ao modo como foi elaborada, mas com sua queda, poderia passar a ser considerada um fracasso. Trazer o livro a público nesse momento em hipótese teria servido para acalmar a situação.

Tal possibilidade pode ser levantada também ao lançar um olhar mais atento sobre a escrita referente à basílica de Santa Sofia, já que sua construção é a primeira citada no escrito de Procópio e, por conseguinte, se encontra no *Livro I*. Esta parte da narrativa teria sido escrita e organizada separadamente, segundo Downey, para que fosse apresentada publicamente antes das demais<sup>50</sup>.

Ao ser exposta diante deste momento histórico, o fato de não haver comentários sobre a cúpula pode advir de uma tentativa de “apagar” o episódio, bem como de “sufocar” o início das conspirações contra o Imperador, caminhando junto com os objetivos imperiais para a

<sup>47</sup> CAMERON, op. cit., p. 08-09.

<sup>48</sup> Cameron faz aqui referência ao programa de edificações descritos no *Livro VI* das *Construções* que foram realizados na África por Justiniano, e são mais bem abordados no capítulo 10 de seu livro *Procopius and the sixth century*, intitulado *Procopius and Africa*. Sobre isso ver CAMERON, op. cit., p. 171-188.

<sup>49</sup> CAMERON, op. cit., p. 08-09.

<sup>50</sup> Averil Cameron aborda em sua pesquisa que Downey, em 1953, falava no *Livro I* ter sido escrito separadamente a partir de observações feitas por ele sobre o arranjo formal e hierárquico da questão temática ali apresentada. Além disso, já anteriormente, em 1947, este autor sugeria que o livro como o temos seria inacabado. Sobre isso cf. em CAMERON, op. cit., p. 83.

obra, e com as observações apontadas por Cameron sobre o período. Em decorrência disso, quando a edição completa tornou-se pública, com seus seis livros, Procópio não teria mais feito alterações, de modo que justificaria não constarem tais acontecimentos na obra.

Por sua vez, ao pensar nos anos de 554/555, há a possibilidade de exaltação do governo diante da vitória sobre a Itália, conforme abordado por Cameron. Entretanto, o episódio da queda da cúpula teria sido desconhecido por Procópio, o que também pode explicar seu silêncio diante destas passagens.

Desta forma, ambas as datações apresentam-se como dois caminhos possíveis para entender os motivos de Procópio em ocultar a queda. Contudo, entendemos que apenas diante de 558/559/560 seria relevante trazer *Das Construções* a público, em uma tentativa de “abrandar” a queda da cúpula, aspecto fundamental para entender nosso objeto de análise.

Conforme abordado anteriormente, as obras de Procópio constituem as principais fontes para os estudos do século VI, e as pesquisas recentes voltadas especificamente ao panegírico, segundo Cameron, têm causado muitos problemas de interpretação. Isso se deve ao fato das explicações não serem realizadas considerando a sua devida importância, quando não a dispensam com repugnância, onde a deixam como um livro para arqueólogos<sup>51</sup>.

Há que se ir além destas discussões e pensar os próprios silêncios do autor em *Das Construções*, que podem dizer muito. Se poderia refletir sobre a conturbada relação de Procópio com Justiniano. Se por um lado a *História Secreta* revela a visão do historiador a partir de um histórico de decepções e críticas, por outro, o panegírico aborda pontos chave para observar o posicionamento imperial, inclusive no que não é dito. Este é o caso da cúpula, por exemplo. Para Cameron, é difícil admitir que o historiador possa ter passado brandamente por um evento que significaria a total devastação do programa do Imperador, mas isso aconteceu em *Das Construções*, um trabalho otimista e que foi encomendado por Justiniano, conforme Procópio explica no início da obra<sup>52</sup>.

É necessário que se faça uma reflexão sobre este ponto de vista imperial presente no livro de maneira mais ampliada, ao passo que tem muito a revelar. Para começar, o pedido do Imperador solicitando esta escrita já revela uma preocupação com a criação de um espaço de memória. Procópio se apropria bem de tais intenções, de modo que suas palavras logo ao início do *Livro I* são se posicionando a respeito dos inúmeros benefícios advindos deste interesse do Império pela História, os quais acabavam por transmitir para futuras gerações a memória daqueles que vieram antes:

---

<sup>51</sup> CAMERON, op. cit., p. 83.

<sup>52</sup> CAMERON, op. cit., p. 09.



Não é porque eu desejo fazer uma exposição de habilidades, nem por qualquer confiança em minha eloquência, nem porque eu me orgulho de mim em meus conhecimentos pessoais de muitas terras que eu tenho colocado sobre isso em registros escritos; pois de fato, eu não tenho chão para me aventurar em tão corajosa intenção. O pensamento ainda tem muitas vezes me ocorrido de quantos e quão bons são os benefícios praticados crescendo pelos estados através da História, que transmite para futuras gerações a memória daqueles que tem vindo antes, e resiste firme ao esforço do tempo em enterrar eventos no esquecimento; e enquanto é instigada a virtude daqueles que de tempos em tempos podem ler para conceder elogios, constantemente atacará vícios para repelir sua influência. Por conseguinte, nossa preocupação deve ser somente essa – que todas as ações do passado sejam claramente passadas adiante, e para que qualquer homem, quem quer que seja possível, analise-as. E isso, eu acredito, não é uma tarefa impossível, igual cercear uma fina voz da língua. Separado de tudo isso, a história mostra que o assunto ao qual temos reconhecido os benefícios tem provado por si mesmo gratidão pelos seus benfeitores, e que estes têm pagado com ofertas de agradecimento em generosa medida, observando que, enquanto eles têm ganhado, podendo ser pelo momento apenas em benefício de suas regras, não obstante preservam a imperecível virtude soberana em memória daqueles que vierem depois deles.<sup>53</sup>

Ao falar sobre este envolvimento dos historiadores com a memória, Régine Le Jan<sup>54</sup> aponta que, na Antiguidade Tardia, o interesse se desenvolveu de maneira mais acentuada que nos demais períodos, devido à natureza das fontes. Ao apropriar-se deste conceito, a autora o toma pelo viés desenvolvido por Maurice Halbwachs, o qual afirma que toda memória é transmitida socialmente, logo, toda memória é coletiva e, por conseguinte, de grupo. Neste sentido caminham também as análises específicas sobre a época aqui analisada. Os estudos têm demonstrado que os interesses dos historiadores contemporâneos de Procópio, e certamente dele mesmo, dirigiu-se para a memória coletiva, sendo um vetor da comunicação entre as gerações e fator de coesão social.

<sup>53</sup> PROCOPIUS. *On Buildings* (latim *De aedificiis*; grego *Peri Ktismaton*). London: Harvard University Press, 1954, todas as traduções apresentadas no texto são de nossa autoria. No original: PROCOPIUS. *Peri Ktismaton* I. i. 2. “ὄκ ἀρετῆς ἐπίδειξιν ποιῆσθαι ἐθέλων, οὐδε λόγου δυνάμει θαρσῶν, οὐδε χωρίων ἐπι τῆ ἐμπειρία φιλοτιμούμενος, ἐς τῆσδε τῆς ἱστορίας την γραφην ὄρμηκα· ἐπει οὐκ εἶχον οὐδεν ὑφ οὐ ἂν παρρησίας ἐς τόδε ἀγοίμην. ἀλλά μοι πολλάκις ἐννοια γέγονεν ὁπόσων τε και πηλίκων ἀγαθῶν αἴτιον ἱστορία ταῖς πόλεσι γίνεσθαι εἶωθε, παραπέμπουσα τε εἰς τους ἐπιγόνους τῶν προγεγενημένων την μνήμην, και ἀνταγωνιζομένη τῷ χρόνῳ κρυφαῖα ποιῆσθαι διατεινομένων τα πράγματα, και την μεν ἀρετην εὐφημίαις ἀει τῶν ἀναλεγόμενων αὐτην ἐπαίρουσα, τῆς δε κακίας ἐπιλαμβανομένη διηνεκές, ταύτη τε ἀποκρουομένη την αὐτῆς δύναμιν. τούτου οὖν δη μόνου ἐπιμελητέον ἡμῖν, ὅπως δη ἐνδηλα τα πεπραγμένα διαφανῶς ἔσται και ὑφ ὅτου ἐργασθεῖη τῶν πάντων ἀνθρώπων. ταῦτα δέ, οἶμαι, οὐδε γλωσση τραυλιζούση τε και ἰσχυροφῶνῳ οὐση ἀμήχανά ἐστι. χωρις δε τούτων εὐγνώμονας μεν ἱστορία ἐς τους εὐεργέτας ἐνδείκνυται γεγονέναι τῶν ἀρχομένων τους εὐ πεπονθότας, ἐν μείζοσι δε αὐτοῖς ἐκτετικέναι τα χαριστήρια, οἱ γε, ἂν οὕτω τύχοι, ἐπι καιροῦ μεν τῆς ἀγαθοεργίας τῶν ἐν σφίσιν ἡγησαμένων ἀπώονατο, ἀθάνατον δε αὐτοῖς τῶν εἰς το ἔπειτα ἔσομένων τῆ μνήμη την ἀρετην διασώζουσι.”

<sup>54</sup> LE JAN, op. cit., p. 06-08.

Refletir sobre a criação de uma memória coletiva sobre as construções imperiais seguindo os estudos de Le Jan implica também em articulá-la com o esquecimento, à medida que a autora vem nos lembrar, através do livro *Phantoms of Remembrance: Memory and Oblivion at the End of the First Millenium* escrito por Patrick Geary, de como só se guarda na memória aquilo que não se quer esquecer. Os apontamentos referentes ao silêncio de Procópio, portanto, visam aqui enfatizar o que já demonstrava Jean-Claude Schmitt, como enfatiza Le Jan, que o fato da memória ser uma memória coletiva, faz dela também uma técnica social de esquecimento.

Por fim, observar o espaço formado pelas narrativas significa entendê-las enquanto instrumento político que foi utilizado para legitimar e reproduzir as relações sociais. Legitimidade esta que estava projetada no presente e no futuro, conforme é afirmado por Procópio no começo de *Das Construções*.

Para este trabalho é importante compreender, portanto, como essa política que se vale dos escritos de Procópio para consolidar o poder do governante, era pensada à época do historiador e de Justiniano. Por conseguinte, é necessário também que melhor se vislumbre a relação política que se estabeleceu com o cristianismo, temáticas que serão elencadas no decorrer do próximo capítulo.

### 3 IMPÉRIO E IGREJA: A UNIÃO DE DOIS PODERES PARA UMA EDIFICAÇÃO POLÍTICA DE JUSTINIANO

Na presente pesquisa, trabalhamos com a ideia de que Justiniano utilizou a união entre o Império e a Igreja na criação da sua representação política, a qual consolidou seu poder como governante. Também, que Procópio de Cesareia se apropriou desta representação, utilizando-a como pano de fundo das suas narrativas, e, por conseguinte, auxiliou nesta consolidação e fortalecimento do governo. Há que se compreender, então, neste capítulo, como se construiu o vínculo governamental com a cristandade em Constantinopla, que é utilizado por Procópio para escrever suas narrativas, valendo-se de uma tradição governamental que foi edificada na História Bizantina, desde Constantino.

Desta forma, lançaremos um olhar analítico sobre o momento em que se configurou esta união entre Império e Igreja, para entendermos qual foi a política utilizada por Justiniano para representá-lo. Além disso, buscaremos perceber também qual o papel que a basílica de Santa Sofia já exercia na capital quando foi destruída pela *Revolta de Nika*, em 532<sup>55</sup>. Assim, pode-se vislumbrar mais claramente o fato de que quando Procópio criou um espaço de memória em suas narrativas, ele se utilizou de um lugar de memória consolidado em Constantinopla, e que possuía relevância histórica suficiente a seus contemporâneos a ponto de ser ressignificado.

É imprescindível então organizar o capítulo em três momentos. Inicialmente, abordando as relações entre a religião cristã e a política em Bizâncio nos séculos IV e V, que resultaram na construção de uma ligação indissociável entre ambas ao longo deste período e que, por conseguinte, estavam presentes no século VI, para que, em um segundo momento, se localize a função atribuída a Santa Sofia nesse contexto histórico. Assim, será possível, ao final, analisar criticamente a fonte ao abordar o período de Justiniano.

Para isso, há que se estabelecer um diálogo com a bibliografia especializada sobre esses dois séculos anteriores, possibilitando, ao final, adentrar no que diz *Das Construções*. Isso ocorre porque quando Procópio aborda o vínculo político com a religiosidade cristã do

---

<sup>55</sup> Desta forma, nos dispomos neste capítulo a analisar a função da basílica especificamente nos séculos IV e V, através da bibliografia, à medida que seu papel no século VI receberá especial atenção no próximo capítulo, durante a análise dos trechos referentes à sua reconstrução na obra *Das Construções*, que são nosso principal objeto de estudo. Por conseguinte, adentraremos também no próximo capítulo na temática da *Revolta de Nika*, que é o motivo da destruição da basílica em 532. Por sua vez, o tratamento com a fonte neste capítulo será focado em analisar especificamente os trechos em que Procópio refere-se ao governo imperial e, como consequência, ao seu relacionamento com o cristianismo, diante da descrição das construções feitas pelo Imperador.

Império no século VI, bem como a importância da basílica para o período na obra, está falando de aspectos já tradicionais da História Bizantina. Assim, possivelmente não demandariam maiores explicações aos seus contemporâneos, pois estes já conheciam tais temáticas.

Deste modo, primeiramente ao observar a historiografia sobre os séculos IV e V é possível encontrar em Steven Runciman<sup>56</sup> a ideia de uma construção teocrática<sup>57</sup> para essa união político-religiosa em Bizâncio, que acaba constituindo-se essencialmente de uma civilização cristã. Quase uma década depois de Runciman, no entanto, Hilário Franco Júnior e Ruy de Oliveira Andrade Filho<sup>58</sup> falavam na construção de uma autocracia<sup>59</sup>. Os autores não se atêm a desenvolver essa ideia. É apenas mais recentemente com o trabalho de Celso Taveira<sup>60</sup> que se busca um aprofundamento para tal conceito, sendo a vertente da qual nos aproximamos. Isso se deve ao nosso entendimento de que a atuação governamental dos primeiros séculos da História Bizantina reunia, na figura do governante, as instâncias não só políticas e religiosas, como também militares e jurídicas, legadas de seu passado greco-romano. Desta forma, o poder imperial determinava todos os demais aspectos da vida bizantina, inclusive a forma com que se dava a sua relação com a religiosidade cristã.

Nesse sentido, ao considerarmos a implicação da herança greco-romana sobre a forma com que o poder imperial agia no início do século IV, quando Constantinopla tornou-se a capital do Império, há que se concordar com Runciman de que a atuação sobre as esferas religiosa, econômica, constitucional e militar, enfrentava problemas<sup>61</sup>. Na religiosidade, os governantes buscavam à época uma “unidade moral”, para unir e inspirar os súditos. Mas a crença cristã, ainda minoritária, apesar de ter a ideia de culto a um Deus único, ia de encontro à autoridade imperial e, por tal motivo, era perseguida politicamente pelos governantes<sup>62</sup>.

<sup>56</sup> No presente estudo se utilizam dois livros deste historiador, sendo um deles intitulado *A teocracia Bizantina*, de 1978 e, o outro de nome *A civilização Bizantina*, de 1977.

<sup>57</sup> Aqui, entende-se que Runciman se utiliza da palavra teocracia em seu sentido mais amplo, de uma sociedade em que a autoridade é considerada como emanção de Deus, sendo que, nestes moldes, buscou apresentar como ocorreu a formação teocrática da civilização bizantina, onde o representante de Cristo se apresenta na figura imperial.

<sup>58</sup> ANDRADE FILHO, Ruy de Oliveira; FRANCO JUNIOR, Hilário. *O Império Bizantino*. São Paulo: Editora Brasiliense S. A., 1985. p. 33. O capítulo intitulado *As estruturas políticas* aborda essa ideia de uma maneira bem breve, observando que é devido ao contexto dos últimos tempos de um Império Romano fortemente centralizado, que Bizâncio leva essa marca ao longo da reorganização do Império, com uma construção do Imperador como figura divina, onde seria um representante do Deus cristão.

<sup>59</sup> Entende-se aqui, portanto, que os estudiosos utilizam também o termo “autocrata” em referência ao Imperador buscando seu sentido mais amplo, de um poder absoluto e inquestionável, fundamentado na religiosidade cristã, mas que se impõe sobre ela.

<sup>60</sup> Sobre isso ver TAVEIRA (2002 apud BOY, 2013, p. 150), onde Boy faz referência a este trabalho. Também é possível encontrar menção ao trabalho de DRAGON (1996 apud BOY, 2013, p. 150).

<sup>61</sup> RUNCIMAN, Steven. *A teocracia Bizantina*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978, p. 14.

<sup>62</sup> RUNCIMAN, op. cit., p. 14.

Michael Angold<sup>63</sup>, em trabalho mais recente, também afirma que era pelas ideias helenísticas, nas quais se baseavam os Imperadores do Oriente romano, que o soberano já agia sobre a religiosidade. Compreendemos que é através da mesma tentativa de unidade, ou da busca por uma identidade para o Império, que a visão sobre a cristandade irá se alterar a partir de Constantino, o Grande (306-337). Este foi o primeiro Imperador a aproximar-se desta doutrina e que vislumbrou em sua utilização não mais uma forma de questionar a autoridade governamental, mas sim de reafirmá-la.

Na visão de Angold, foi a concessão de liberdade de culto aos cristãos através do Edito de Milão em 313, com Constantino, que exigiu modificações na relação governamental com o cristianismo. Nesta pesquisa se considera que ainda não surtiriam os efeitos necessários para uma união intrínseca entre Império e Igreja nos moldes aqui abordados. Entende-se, contudo, a importância de tal governo, à medida que este Imperador é o primeiro a definir com maior clareza um posicionamento a este respeito, alterando, assim, o relacionamento do poder imperial com a Igreja Cristã<sup>64</sup>.

Há que se entender antes os motivos que pudessem o levar a conceder liberdade de culto aos cristãos no Edito e, desta forma, dar início a uma aproximação com a cristandade. O biógrafo do Imperador, Eusébio de Cesareia, nos explica estas causas em *Vita Constantini*<sup>65</sup>. Eusébio narra uma visão tida pelo Imperador um ano antes do Edito, em 312, quando estava a caminho da invasão da Itália. Neste episódio o governante teria enxergado repentinamente uma cruz a brilhar contra o sol do meio-dia, sob a qual havia as palavras “Com este sinal vencerás”. Mais tarde, o biógrafo conta que Cristo teria aparecido a Constantino em sonho, ordenando-lhe que inscrevesse nos escudos de suas tropas o monograma cristão XP<sup>66</sup>, que quando utilizado pelas tropas do Imperador naquele mesmo ano, as teriam feito vencedoras<sup>67</sup>.

Foi após essas visões relatadas por Eusébio que Constantino iniciou uma aproximação com o cristianismo. Segundo o biógrafo, o imperador passou a afirmar, então, ser “igual aos apóstolos” e “amigo de Jesus Cristo”, colocando ainda uma dimensão pessoal nesta relação<sup>68</sup>. Michael Angold afirma também que outros estudiosos revelam a existência até mesmo de um elemento de auto-identificação em tais alegações, na medida em que inclusive ao planejar o

<sup>63</sup> ANGOLD, Michael. *Bizâncio: a ponte da antiguidade para a Idade Média*. Rio de Janeiro: Imago, 2002, p. 23.

<sup>64</sup> ANGOLD, op. cit., p. 23.

<sup>65</sup> apud RUNCIMAN, op. cit., p. 13.

<sup>66</sup> Estas duas letras, que eram utilizadas em maiúsculo e sobrepostas, correspondem às iniciais do nome de Cristo em grego (Χριστός).

<sup>67</sup> RUNCIMAN, op. cit., p. 13-14.

<sup>68</sup> Apesar de Constantino aproximar-se do cristianismo ao longo de sua vida, Runciman (1978, p. 27) explica que ele de fato batizou-se apenas em seu leito de morte.

seu funeral, o Imperador pretendia ser enterrado rodeado por relíquias dos discípulos em seu mausoléu<sup>69</sup>.

Neste sentido, entendemos que diante dessas concessões que iam sendo pouco a pouco feitas ao cristianismo e, por conseguinte, ao Império, Constantino começou a construir a forma de atuação imperial sobre a religiosidade cristã. Por sua vez, esta crença também passava por um processo de transformações, ao passo que ainda estava sendo construída.

Diante deste contexto, foi Constantino que cessou as perseguições aos cristãos, conforme expõe Steven Runciman<sup>70</sup>, e quem primeiro se denominou “Vice-Rei” do Deus do cristianismo<sup>71</sup>. Desta forma, deu início a uma maneira específica de representação do poder imperial, cuja postura seria adotada também por imperadores posteriores a ele.

Apesar disso consideramos aqui que neste período a relação governamental com a Igreja cristã era muito frágil, e por tal motivo esta não era ainda a união intrínseca tal qual se veria mais tarde. Os motivos se encontram no fato de nesta época Constantino se inclinar mais para o arianismo<sup>72</sup>, pois a ortodoxia também estava em construção, e no Imperador ainda não ter aderido à doutrina como religião oficial do Império<sup>73</sup>.

Por outro lado, há que se destacar que talvez Constantino pudesse ter visto pela primeira vez na religiosidade cristã a oportunidade de consolidação da unidade pretendida ao Império e que não estava sendo alcançada a partir da pretensão de uma “unidade moral” aos moldes helênicos. Assim, iniciou ao longo de seu governo a construção de uma identidade, a qual era favorecida pela crença cristã em um Deus único.

Se o Império teria através do cristianismo a oportunidade para pensar em uma unidade através do culto de um único Deus, é necessário lembrar que existiam também grandes dificuldades geradas pela oposição das lideranças cristãs da Igreja de Constantinopla com o poder imperial. Michael Angold adverte que no período de Constantino, o patriarca de Alexandria<sup>74</sup> Atanásio (328-373) não via com bons olhos as pretensões pessoais colocadas

<sup>69</sup> ANGOLD, op. cit., p. 23.

<sup>70</sup> RUNCIMAN, op. cit., p. 14.

<sup>71</sup> RUNCIMAN, op. cit., p. 14.

<sup>72</sup> No *Dicionário Ilustrado da Idade Média*, organizado por H. R. Loyn (1997) é explicado que o Arianismo trata-se de uma crença que passou a ser considerada herética pela Igreja, em virtude dos ensinamentos do sacerdote Ário (256-336), pois negava a unidade das três pessoas da Santíssima Trindade e, por conseguinte, a divindade de Jesus Cristo, que não era considerado co-eterno com o Pai. Esse foi o tema do Concílio de Nicéia (325), em que o Patriarca Atanásio liderou os adeptos do ponto de vista que se tornou ortodoxo, de que o Pai e o Filho eram efetivamente “da mesma substância”, o que levou à condenação do Arianismo e ao banimento de Ário. Sobre isso ver LOYN, H. R. (Org.). *Dicionário Ilustrado da Idade Média*. RJ: Jorge Zahar Editores, 1997. p. 80-81.

<sup>73</sup> RUNCIMAN, op. cit., p. 23-27.

<sup>74</sup> LOYN (1997, p. 60) no *Dicionário Ilustrado da Idade Média* também descreve este espaço, Alexandria era a Capital provincial do Egito nos tempos romanos, que declinou em importância após o período de reorganização

pelo Imperador no cristianismo, sendo sua grande oposição política e religiosa. Por tal motivo é que teria sido exilado. Embora no exílio, Atanásio continuou demonstrando oposição aos sucessores de Constantino. A estes, suas críticas também se deviam a adoção do arianismo<sup>75</sup>.

Foi o Imperador Teodósio I (379-395) quem abandonou a posição religiosa dos seus antecessores e aceitou a linha ortodoxa defendida por Atanásio. Para tanto, primeiramente o Imperador demonstrou seu posicionamento à Igreja, ao convocar o Concílio Geral em 381, e na sequência, manifestou-se politicamente, decretando uma lei que tornava a ortodoxia cristã a religião oficial do Império Romano. Para Angold, neste momento, o Concílio – e aqui se entende que esta foi uma decisão tanto política quanto religiosa nos moldes trabalhados nesta pesquisa –, fez mais do que impor o cristianismo ao Império: ele elevou a Igreja de Constantinopla ao *status* patriarcal<sup>76</sup>.

Diante dessas atitudes que partem do Imperador, é possível afirmar que no final do século IV, ocorreu uma melhora considerável no relacionamento governamental com a Igreja bizantina, que possibilitou um enorme avanço no caminho trilhado rumo a uma relação indissociável entre ambas. Tais mudanças também foram favorecidas pelo apoio que Teodósio procurou estabelecer com a Igreja. Runciman explica que o Imperador pode contar, neste período, com a ajuda de Basílio da Cesareia, Gregório de Nisa e Gregório Nazanzo, teólogos da região da Capadócia<sup>77</sup>.

Estes três indivíduos ocupavam posições de lideranças entre os ortodoxos e foram primordiais ao Imperador, pois se reconciliaram com muitas congregações que o patriarca Atanásio ofendeu, e auxiliaram no declínio do arianismo naquela região. Além disso, foram fundamentais a Teodósio na forma como o tratavam. Os teólogos o consideravam como “Vice-Rei de Deus”, a quem deveriam guiar na verdadeira trilha espiritual, opinião necessária à construção da imagem pretendida por um trono imperial cristão e ortodoxo<sup>78</sup>.

Assim, consideramos que foi a partir da relação que se configurou entre a autoridade imperial e a espiritual que permitiu ao Imperador se sobrepor a toda a estrutura eclesiástica, diante da ligação indissociável que se estabeleceu entre o Imperador e o Patriarca em Constantinopla. Angold, ao analisar a construção dessa união no final do século IV e início do século V, afirma que não era exatamente tão simples quanto olhar

---

do Império. Steven Runciman (1977, p. 96) em *A Civilização Bizantina*, por sua vez, explica a influência religiosa do lugar, enfatizando que em bases apostólicas, a Igreja de Alexandria correspondia à sé de Marcos.

<sup>75</sup> ANGOLD, op. cit., p. 23.

<sup>76</sup> ANGOLD, op. cit., p. 19.

<sup>77</sup> RUNCIMAN, op. cit., p. 32.

<sup>78</sup> RUNCIMAN, op. cit., p. 32.

o patriarca atuar como agente do Imperador nas questões religiosas ou o Imperador agir como o protetor do patriarca. Sempre existiu um elemento de ensaio e erro na relação entre o imperador e o patriarca, que no início do século V continuava tendo de ser trabalhado. O patriarcado de João Crisóstomo (398-404) foi crucial nesse aspecto. Estabeleceu um padrão de cooperação, conflito e recriminação.<sup>79</sup>

Em outras palavras, para Angold, pensar as imbricações entre a política e a religião cristã em Bizâncio destes dois primeiros séculos, significa compreender um vínculo bem mais complexo sendo estabelecido do que uma mera troca de favores. Não se tratava apenas do governo protegendo a cristandade para que, em contrapartida, a Igreja o promovesse. Havia, para além dessa troca de interesses, o ato constante da experimentação de uma união entre estes dois poderes e, como resultado, o erro, ou seja, um vínculo falho entre os dois poderes, à medida que no período vivenciava-se o processo de reorganização do Império<sup>80</sup>.

Aqui, consideramos que a união entre o Império e a Igreja de Constantinopla nesta época passava por um momento de construção e que, sobretudo após Teodósio I, se vivenciou os resultados dessa imbricação de maneira mais efetiva, chegando ao século VI como um aspecto governamental consolidado. Nesse sentido, é importante lembrar que trabalhamos claramente com a noção de que o poder imperial, nesse contexto, acabava se impondo sobre a religiosidade cristã, onde o Imperador se utilizava desta crença para atingir seus ideais de poder.

No entanto não desconsideramos o valor existente na religião proposta pela Igreja Cristã enquanto instituição, para o Império Bizantino. Entrando em consonância com Hilário Franco Júnior e Ruy de Oliveira Andrade Filho<sup>81</sup>, é possível perceber que a religião cristã em Constantinopla funcionava como elemento articulador entre a Igreja e o Império. Fornecia a fundamentação do poder imperial, a motivação básica e a justificativa da política exterior, os temas e o significado do que a historiografia considera sua produção cultural.

Apesar disso a imposição imperial sobre esta crença também é trabalhada por estes autores de forma clara, pois eles vêm lembrar que, nesse contexto, era pela posição política bizantina que a partir de 381 a diocese da capital ganhou primazia sobre as outras do Oriente – Alexandria, Antioquia e Jerusalém –, apesar destas, segundo a tradição, terem sido fundadas por apóstolos. Assim, Franco Júnior e Andrade Filho afirmam que o Imperador apresentava-se como o primeiro personagem governamental onde, logo na sequência, encontrava-se o segundo personagem, o patriarca<sup>82</sup>.

<sup>79</sup> ANGOLD, op. cit., p. 24.

<sup>80</sup> ANGOLD, op. cit., p. 24.

<sup>81</sup> ANDRADE FILHO; FRANCO JUNIOR, op. cit., p. 12.

<sup>82</sup> ANDRADE FILHO; FRANCO JUNIOR, op. cit., p. 13-14.



Diante de tal cenário, Michael Angold destacava anteriormente que o patriarca João Crisóstomo (398-404), demonstrou-se fundamental para entender a relação indissociável que se configurava entre estas duas esferas de poder, durante o governo de Arcádio (395-408). Aqui, entendemos que este patriarcado demonstrou claramente as desigualdades geradas por um confronto entre estes dois personagens, ao passo que deixava evidente a sobreposição imperial no conflito, que tem por palco a basílica de Santa Sofia. Desta forma, se entra em consonância com os apontamentos no trabalho de Runciman, o qual afirma que diante da morte de Teodósio I, em janeiro de 395, ficou como legado a Arcádio a metade oriental do Império, que o governava como “Vice-Rei”, fazendo referência à noção de imperador cristão e ortodoxo, e, por conseguinte, a união intrínseca entre o Império e a Igreja Cristã de modo consolidado<sup>83</sup>.

Faz-se necessário olhar com maior cuidado para os acontecimentos que geraram essas atitudes de oposição que Crisóstomo teve, descritas tanto por Angold quanto por Runciman, bem como para as consequências. Na visão de Angold<sup>84</sup>, essa posição contrária de Crisóstomo a Arcádio se deve ao fato do patriarca recusar-se a obter a primazia da Igreja de Constantinopla sobre todas as Igrejas, que o Imperador ambicionava. Na visão de Runciman<sup>85</sup>, a oposição patriarcal ao governo seria motivada pelas intrigas com a Imperatriz Eudóxia (400-408), esposa de Arcádio.

Segundo este autor, o governo de Arcádio passou a contar com a participação da Imperatriz de forma significativa e exercendo grande influência na corte, que estabeleceu residência em Constantinopla<sup>86</sup>. Por sua vez, João Crisóstomo considerava “frívola e maléfica a influência das mulheres sobre os homens [...]”<sup>87</sup>. Assim, Patriarca e Imperatriz logo entraram em conflito, e será a partir de tal atrito que localizaremos a função desempenhada por Santa Sofia neste contexto.

Runciman explica que Crisóstomo ofendeu-se com a Imperatriz, quando ela procurou a bênção de Epifânio de Chipre, com quem o patriarca alimentava algumas suspeitas de intrigas pessoais<sup>88</sup>. Como resposta a atitude de Eudóxia, João Crisóstomo utilizou a basílica de Santa Sofia como palco do que o historiador afirma ser um violento sermão contra as mulheres, que tem por referência bíblica Jezebel, uma rainha que matou muitos profetas. A Imperatriz, por sua vez, buscou o auxílio de Teófilo (385-412), do patriarcado de Alexandria,

<sup>83</sup> RUNCIMAN, op. cit., p.34.

<sup>84</sup> ANGOLD, op. cit., p. 25.

<sup>85</sup> RUNCIMAN, op. cit., p. 34-36.

<sup>86</sup> RUNCIMAN, op. cit., p. 34-35.

<sup>87</sup> RUNCIMAN, op. cit., p. 34-35.

<sup>88</sup> RUNCIMAN, op. cit., p. 34-35.

o qual “invejava a sé e a influência de Crisóstomo”, ajudando na persuasão de Arcádio a convocar um Concílio, a fim de depor o Patriarca de Constantinopla<sup>89</sup>.

Diante do carisma de Crisóstomo, irromperam motins populares, que foram seguidos de um terremoto. A Imperatriz que, para Runciman, era supersticiosa e pode ter visto no tremor de terra uma mensagem de Deus, fez com que o Patriarca voltasse, tentando abrandar os fatos. Crisóstomo, por um momento, chegou a aceitar a trégua, elogiando a atitude imperial de Eudóxia durante um sermão quando regressou. Entretanto, isso durou até as autoridades de Constantinopla erguerem uma imagem de prata dela sobre uma coluna às portas da basílica de Santa Sofia<sup>90</sup>.

Durante a cerimônia de inauguração, houve a perturbação do serviço religioso na basílica, que fez Crisóstomo iniciar o sermão no domingo seguinte com as palavras “Herodiade ruge mais uma vez. Mais uma vez, ela dança. Mais uma vez, pede a cabeça de João numa bandeja”<sup>91</sup>. Seis meses mais tarde, Arcádio anunciou a deposição de Crisóstomo, em junho de 404, o que acarretou na primeira destruição de Santa Sofia em um incêndio, como forma de resposta do povo a ação imperial<sup>92</sup>.

Nesse sentido, consideramos que a experiência com o patriarcado de João Crisóstomo, além de permitir perceber a importância histórica de Santa Sofia para o período, diante do fato que é o cenário das contendas entre o Patriarca e a Imperatriz, possibilita vislumbrar claramente a sobreposição imperial ao patriarcado. Tal afirmação é possível na medida em que o primeiro tem autoridade para dizer quem será o chefe cristão da Igreja de Constantinopla, deixando notória a desigualdade de poder existente entre um e outro.

É possível perceber ainda que a ligação intrínseca do governo com a religiosidade cristã encontrava-se consolidada, na medida em que era o Império que determinava o líder religioso. A oposição não resulta em uma destituição de Arcádio, e sim, em um novo patriarcado. Assim, foi a partir dessa união, a qual estabelecia no Imperador a autoridade que determinava o funcionamento da religião cristã, que permitiu a Justiniano ter a política imperial cristã necessária para consolidar seu poder também no período aqui analisado e, por conseguinte, ter a imagem que o representaria durante seu governo.

Por sua vez, a atitude seguinte do imperador Teodósio II (408-450), no ano de 415, buscou demonstrar claramente essa já consolidada união governamental com a Igreja de

<sup>89</sup> RUNCIMAN, op. cit., p. 35.

<sup>90</sup> RUNCIMAN, op. cit., p. 36.

<sup>91</sup> RUNCIMAN, op. cit., p. 36. Também é feito aqui referência a uma figura bíblica feminina, Herodiade, que matou o profeta João Batista, conforme é relatado por Mateus 14. 1-11.

<sup>92</sup> As referências à primeira destruição de Santa Sofia encontram-se em RUNCIMAN, Steven. *Op. Cit.*, 1978, p. 36 e em ANGOLD, op. cit., p. 25.

Constantinopla na basílica de Santa Sofia, quando se juntou ao Patriarca para consagrá-la<sup>93</sup>. Consideramos que Teodósio II ampliou a relevância histórica da basílica, ao utilizá-la como lugar de memória no momento da consagração e, assim, lhe atribuiu um novo sentido: do espaço de reconhecimento desta união entre o Imperador e o Patriarca. Quando mais de um século depois, em 532, a descrição de Procópio nas *Construções* também afirmaria uma destruição da basílica pelo descontentamento popular com o governo vigente, através de um incêndio durante a *Revolta de Nika* – conforme se verá no decorrer do próximo capítulo –, era de se esperar que os planos de Justiniano não desconsiderassem a relevância histórica de Santa Sofia.

Desta forma, se entende aqui que a atitude de Justiniano, diante do novo contexto, foi de utilizar o fato da basílica já ser vista como um lugar de memória dos cristãos para recriar sua imagem. Somente neste ato já seria possível identificar um resgate da significação histórica do espaço, mas o imperador vai além. Ele colocou na nova Santa Sofia bem mais que um planejamento arquitetônico admirável a quem vê o espaço físico destinado à basílica. O Imperador buscou a edificação de um espaço escrito de memória para o lugar, ao deixar registrada a reconstrução aos seus contemporâneos de dentro e fora da capital imperial, além de pensar também nas futuras gerações de possíveis leitores.

Angold fala desse papel que se atribuía a basílica enquanto lugar de memória, ao explicar que

Na patriarcal Igreja de Santa Sofia, o imperador e o patriarca reconheciam suas obrigações mútuas. O lado secular da autoridade imperial era exibido no hipódromo, onde o imperador se unia a seu povo em comemorações de vitória. No palácio imperial, ele era a personificação da majestade terrena, a encarnação da lei, o herdeiro do Imperador Augusto, mas também o legatário da conversão de Constantinopla ao cristianismo. Era aí que se via com mais obviedade o imperador como o vice-regente do Deus cristão na terra. O palácio imperial de Constantinopla recebeu, portanto, um cunho cristão especial. Sob o Imperador Teodósio II (408-450), começaria a se tornar uma tesouraria de relíquias.<sup>94</sup>

É possível perceber já nas primeiras linhas do trecho supracitado que mais do que existir uma união governamental com a crença cristã estabelecida no período, há um lugar bem demarcado para que se mostre esta indissociabilidade ao povo: trata-se de Santa Sofia. Não é no hipódromo, porque este tinha a função específica de aproximação do Imperador com o povo, em um local sem caráter religioso. Nem no palácio, pois este também tinha um papel muito bem delimitado e consagrado ao exercício do governo, que era o de demonstrar a

<sup>93</sup> ANGOLD, op. cit., p. 25.

<sup>94</sup> ANGOLD, op. cit., p. 25.

sobreposição imperial, a qual deveria persistir nesta relação com a Igreja. Além disso, há que se lembrar que o espaço palaciano restringia-se a corte, diferentemente da basílica, um espaço sagrado, o lugar de memória e de livre acesso aos súditos, ou do hipódromo, também local de aproximação, embora secular, porém acessível, o que enfatiza mais ainda os papéis distintos que cada um destes ambientes exercia.

Essa relação dos bizantinos com as formas da cidade estabelecidas através de construções ocorriam desde Constantino, o Grande (306-337). Para Angold, esse “padrão” do que seria preferido ou descartado, ou seja, quais seriam as combinações feitas, foi determinado por elementos herdados do passado cristão, romano e helênico em conjunto. Aqui, considera-se que o estilo arquitetônico foi determinado principalmente pelos ambientes romanos e a vida intelectual bizantina especialmente pelo helenismo, sendo a cristandade existente na atuação do poder imperial o elemento articulador dessas estruturas. Entretanto, Angold afirma que quando Constantino morreu em 337, somente metade da cidade havia sido construída<sup>95</sup>.

Foi Constâncio (337-361) quem deu continuidade a obra arquitetônica do pai, dando especial atenção à religiosidade cristã. Para isso, concluiu a igreja dos Santos Apóstolos e enfatizou mais ainda o aspecto cristão da cidade com a primeira construção de Santa Sofia<sup>96</sup>. Após Constâncio, seria Teodósio I (379-395), vinte anos depois, quem retomaria as obras, construindo um foro, uma estátua de prata para si próprio, e ampliando o hipódromo<sup>97</sup>.

Com a morte de Teodósio I, há a preocupação de seu neto, Teodósio II (408-450) em dar continuidade a ampliação e organização das formas da cidade. Nesse período, Angold afirma que Constantinopla adquiriu seus contornos característicos, sendo disposta de tal forma que todos os caminhos levavam a nova Roma, e todas as principais construções, incluindo Santa Sofia, ficavam ao redor da praça<sup>98</sup>.

Assim, é possível perceber que desde suas primeiras edificações, os Imperadores de Constantinopla se fizeram legatários da existência de uma relação específica com suas construções, tal qual existia na antiga Roma, onde se encontravam os primeiros cristãos. Para tanto, as reorganizaram quando o cristianismo cresceu, a fim de que se constituíssem em espaços físicos para o exercício do poder, através da cristandade.

<sup>95</sup> ANGOLD, op. cit., p. 18.

<sup>96</sup> ANGOLD, op. cit., p. 18.

<sup>97</sup> ANGOLD, op. cit., p. 19-20.

<sup>98</sup> ANGOLD, op. cit., p. 20-21. O autor explica que à entrada da praça central ficava o marco miliário, construído em forma de arco do triunfo, sendo que, dali eram medidas as distâncias para todos os pontos nos limites do Império. Assim é que todos os caminhos levavam, então, à nova Roma. Este aspecto característico da capital foi enfatizado até mesmo no mapa-múndi, onde foi colocado por ordem de Teodósio II.

Para Angold, contudo, foi a obra de Justiniano, tanto como legislador, quanto como construtor, que completou as formas de Constantinopla, sendo sua expressão máxima representada na reconstruída basílica de Santa Sofia<sup>99</sup>. Por sua vez, o plano arquitetônico do Imperador também deu continuidade à tradição romana em sua forma de tratamento, embora tivesse traços bem característicos, sendo o maior deles projetado na reconstrução da basílica que aqui se analisa nas narrativas de Procópio.

Nesse sentido, utilizando o estudo de Richard Sennett, é possível levantar a hipótese aqui de que o planejamento final de Constantinopla feito por Justiniano encontrava-se intrinsecamente ligado a uma “geometria do poder”<sup>100</sup>. Nesse conceito desenvolvido pelo autor, ele explica como os romanos buscavam disciplinar o movimento corporal em suas edificações, conduzindo a regra de olhar e obedecer, estreitamente vinculada a um sistema de olhar e acreditar<sup>101</sup>.

Sennett demonstra que a função dos edifícios no período do Império na antiga Roma era de legitimar o poder dos governantes aos olhos de seus súditos. Tal atitude entra em consonância com os motivos apresentados nesse trabalho para que Justiniano, no século VI, reconstruísse o lugar de memória tido em Santa Sofia e solicitasse a Procópio a criação de um espaço de memória nas narrativas sobre a basílica.

Diante desse papel específico visto nas construções da antiguidade, Richard Sennet também explica que se erguiam edifícios intimidatórios e impressionantes. Assim, a glória das edificações servia para superar as rebeliões dos súditos, e a ruína causada pelos atos dos próprios governantes, tradição esta que se verá na atitude de Justiniano diante da *Revolta de Nika*, em 532, motivados pelo tratamento político do Imperador com as facções Azuis e Verdes, bem como por sua administração.

Antes de adentrar especificamente na sedição e na reconstrução de Santa Sofia, Procópio procura explicar nas *Construções* como, através da união político-religiosa estabelecida entre o imperador e a cristandade, Justiniano organizava um Império completo a partir dos espaços que construía. Para tanto, na sequência de suas narrativas observadas no capítulo I deste trabalho, onde Procópio explica os objetivos contidos em escrever a obra, ele inicia abordando as ações governamentais junto à presença bárbara:

---

<sup>99</sup> ANGOLD, op. cit., p. 18.

<sup>100</sup> SENNETT, Richard. *Carne e Pedra: O corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: Record, 2003, p. 94.

<sup>101</sup> SENNETT, op. cit., p. 94.

Em nosso próprio tempo, tem sido o nato Imperador Justiniano quem tomou todo o estado<sup>102</sup> quando este foi arrasado por desordem, não o tem apenas feito em extensão, mas também ainda mais ilustre, por expulsar aqueles bárbaros que têm desde antigamente severamente o atrapalhado, como eu tenho claramente feito detalhes nos Livros das Guerras. De fato, eles dizem que Temístocles, filho de Neocles, uma vez jactanciosamente disse que não lhe faltavam habilidades para fazer um pequeno estado completo. Mas não falta a este Soberano habilidade para produzir transformações completas no estado – testemunhado o caminho, ele já tem acrescentado ao domínio Romano muitos estados, os quais por tempos tinham pertencido a outros, e tem criado inúmeras cidades que não existiam antes. E encontrando a crença em Deus, que foi antes desse tempo perdida por erros e sendo forçada a ir a muitas direções, ele destruiu completamente todas as principais trilhas para tais erros, e a trouxe sobre o que apoiou na firme fundação de uma única fé.<sup>103</sup>

Conforme é possível observar no trecho supracitado, ao adentrar no governo de Justiniano nas *Construções*, Procópio opta por destacar suas ações diante da presença bárbara. Assim, se torna possível enfatizar não apenas como as atitudes do Imperador contribuíam para controlar a desordem gerada pelos inimigos que desde a antiguidade ali se encontravam, mas também para remeter-se a esse passado greco-romano e legitimar sua fala.

Na sequência, Procópio aponta que os ditos bárbaros consideravam desde antigamente a maneira de o general ateniense Temístocles (524-469 a. C) agir como algo soberbo. Entretanto, assim como Justiniano, era a habilidade desse governante, principalmente em construir o que era necessário ao administrar, que estabilizava o governo.

Desta maneira, ao comparar Justiniano com Temístocles, Procópio retoma a figura do general que liderou o caminho para a construção da supremacia naval ateniense, ao investir na construção e proteção do importante Porto do Pireu, além de uma frota capaz de defender a cidade das invasões estrangeiras, especialmente bárbaras, conforme deixou registrado Tucídides<sup>104</sup>. Diante de tal atitude, Procópio evidenciava as influências utilizadas para compor suas narrativas, referenciando autores da Grécia Antiga. Além de Tucídides eram

<sup>102</sup> A tradução para o inglês utiliza a palavra “state” nas narrativas, no entanto, Procópio utiliza os substantivos “πολιτεία”, “πόλις”. Portanto, entende-se aqui que quando o historiador fala em estado, está se referindo ao regime político do período de Justiniano reportando-se a pólis grega, tal qual na antiga Grécia.

<sup>103</sup> PROCOPIUS. *Peri Ktismaton I. i. 6* “Ἐν χρόνῳ τῷ καθ’ ἡμᾶς Ἰουστινιανος ὁ βασιλεὺς γέγονεν, ὅς τινι πολιτείαν πλημμελῶς κινουμένην παραλαβὼν μεγεθεὶ μὲν αὐτὴν μείζω τε καὶ πολλῶ ἐπιφανεστέραν εἰργάσατο, ἐξελάσας ἐνθένδε τοὺς ἐκ παλαιοῦ βιασαμένους αὐτὴν βαρβάρους, ὥσπερ μοι λεπτολογουμένων ἐν τοῖς ὑπερ τῶν πολέμων δεδῆλωται λόγοις. καί τοι λέγουσι ποτε Θεμιστοκλέα τὸν Νεοκλέους ἀποσεμνύνεσθαι ὅτι δη οὐκ ἀνεπιστημόνως ἔχει πόλιν μικρὰν ποιῆσαι μεγάλην. ὁ δὲ δη οὐκ ἀμελέτητός ἐστιν ἐμπορίζεσθαι πολιτείας ἑτέρας· πολλὰς ἀμέλει προσεποίησεν ἤδη τῇ Ῥωμαίων ἀρχῇ ἀλλοτρίας καθ’ αὐτὸν οὖσας, πόλεις δὲ ἀναρίθμους δεδημιούργηκεν οὐ πρότερον οὖσας. Πλανωμένην δὲ εὖρων τὴν ἀμφὶ τῷ θεῷ δόξαν τα πρότερον ἐς πολλὰ τε ἀναγκαζομένην ἵεναι, συντρίψας ἀπάσας τὰς ἐπι τὰς πλάνας φερούσας ὁδοὺς, διεπράξατο ἐν τῷ βεβαίῳ τῆς ἐπι μιᾷς ἐστάναι κρηπίδος.”

<sup>104</sup> PSEUDO-XENOFONTE. *A Constituição dos Atenienses*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013, p. 72.

personalidades gregas como Plutarco<sup>105</sup> e Aristóteles<sup>106</sup> que abordavam a vida desse general, e suas contribuições a Atenas.

Buscando ressignificar as atitudes de Temístocles, Procópio aponta os feitos de Justiniano. Este vinha não só aumentando os domínios Romanos, ao acrescentar-lhe lugares até então pertencentes a outros, mas indo além, ao construir inúmeras cidades cristãs que antes não existiam. Teve, então, primordial importância, segundo o historiador, a união que se configurou entre política e a religião cristã nos moldes abordados neste capítulo, pois foi ao encontrar a “crença em Deus” da Igreja Ortodoxa que se completou o Império.

Aqui se torna possível falar na ortodoxia a partir dos escritos do próprio Procópio, pois ele deixou claro que foi a partir da destruição das “trilhas” que levavam a “erros” ou, em outras palavras, que levavam a aproximação de heresias tais como o Arianismo, que se completou o Império. Desta forma, olha-se além de sua própria religiosidade, pois como visto no capítulo anterior Procópio era um cristão, e se vislumbra que para o historiador, o Império já havia percorrido e encontrado o caminho que levava a ortodoxia.

Na sequência, Procópio enfatiza que era por “boas razões” que relatar as construções feitas em Bizâncio era o suficiente para fundamentar suas narrativas. Aqui, se entende que, para o historiador, bastava narrar às edificações feitas por Justiniano que já se demonstraria que o Império Cristão Ortodoxo estava completo:

Mas agora nós devemos prosseguir, como eu tenho dito, para a temática das construções deste Imperador, isso pode não chegar ao futuro por aqueles que se recusam a ver, devido ao seu grande número e magnitude, acreditando que elas são verdadeiro trabalho de um homem. [...]. E com boas razões as construções em Bizâncio, além de todo o resto, servirão como fundamento para minha narrativa. Para “todo o trabalho iniciado”, como há o velho ditado “nós devemos pôr à frente o que brilhará longe”.<sup>107</sup>

O trecho também deixa evidente mais uma vez a preocupação do historiador em criar uma memória para futuras gerações. E foi ao evidenciar essa necessidade de “pôr à frente” o que brilharia longe que Procópio adentrou especificamente no projeto imperial de construções

<sup>105</sup> PLUTARCH. *Parallel Lives: Life of Themistocles*. London: Harvard University Press, 1914. Disponível em: <<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A2008.01.0066%3Achapter%3D2%3Asecti%3D3>> Acesso em: 06 Mai. 2017.

<sup>106</sup> ARISTOTLE. *The Constitution of the Athenians*. London: Harvard University Press, 1952. Disponível em: <<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0046%3Achapter%3Dfragments>> Acesso em: 06 Mai. 2017

<sup>107</sup> PROCOPIUS. *Peri Ktismaton I. i. 17* “Τανῶν δέ, ὅπερ εἶπον, ἐπι τας οἰκοδομίας τούτου δη τοῦ βασιλέως ἡμῖν ἰτέον, ὡς μη ἀπιστεῖν τῷ τε πλήθει και τῷ μεγέθει ἐς τον ὀπισθεν χρόνον τοῖς αὐτας θεωμένοις ξυμβαίη ὅτι δη ἀνδρος ἑνος ἔργα τυγχάνει ὄντα. [...]. εἴη δ ἄν εἰκότως τα εμ Βυζαντίω παρα πάντα τῷ λόγῳ κρηπίς. ἀρχομένου γαρ ἔργου, κατα δη τον παλαιον λόγον, πρόσωπον χρη θέμεναι τηλαυγές.”, aspas do autor.

para Constantinopla, tendo como primeiro relato ao longo de todo o primeiro capítulo do *Livro I* a reconstrução da basílica de Santa Sofia, objeto central de análise do próximo capítulo.

Por sua vez, é possível concluir neste capítulo que as narrativas de Procópio sobre o poder imperial cristão, se utilizaram de uma união que foi construída e consolidada no decorrer dos séculos IV e V. A partir dessa relação, Justiniano obteve a política imperial que o representou ao longo de seu governo. Já Procópio conseguiu o cenário para compor seus relatos, e com eles criar a imagem do poder imperial que perduraria na historiografia não só nos trechos supracitados, mas ainda ao narrar os acontecimentos em torno da nova construção de uma basílica.

Por fim, é possível afirmar também que no século VI havia além de um legado político que determinava sobre a cristandade, uma relação bem específica dos bizantinos com os espaços que ocupavam. Relacionamento este que era determinado pela forma com que os governantes agiam sobre tais lugares. É necessário, portanto, observar qual o papel específico atribuído aos locais religiosos, e como se construiu a representação de Justiniano nas narrativas de Procópio através dos relatos sobre Santa Sofia.



#### 4 NARRATIVAS SOBRE A BASÍLICA DE SANTA SOFIA: UMA CONSTRUÇÃO DA IMAGEM HISTORIOGRÁFICA DO PODER IMPERIAL

No capítulo anterior, foi possível observar a constituição da união entre o Império e a Igreja na História Bizantina, a qual serviu como base da representação política que foi criada para Justiniano e da qual Procópio apropriou-se para compor suas narrativas. Neste contexto, percebeu-se que Santa Sofia já exercia uma função específica nesta relação, de demonstrar esta junção dos dois poderes ao povo, se situando, então, como um lugar de manutenção de uma determinada memória. Diante disso, o presente capítulo tem como principal objetivo analisar o papel histórico dos relatos sobre a reconstrução da basílica, nas *Construções*. Pretende-se compreender como a escrita foi utilizada para construir uma imagem historiográfica imperial, por meio da representação feita de Justiniano nas narrativas, ao edificá-la através de um lugar de memória, auxiliando na consolidação e fortalecimento do poder deste governante à época.

Em um primeiro momento há que se aprofundar as discussões especificamente sobre o papel atribuído pelos governantes as basílicas de Constantinopla, diante do vínculo estabelecido desse tipo de construção com o Império e a Igreja. Isso possibilitará que, na sequência, possamos olhar analiticamente os escritos de Procópio sobre Santa Sofia.

Para tanto, o estudo de Richard Sennett permite que se analise aqui a imbricação que se configurou em Bizâncio entre os espaços de religiosidade, o poder e a crença cristã, através da noção de “geometria de poder”<sup>108</sup>. Entendemos que nos apropriarmos deste conceito possibilita olhar diretamente o caso de Santa Sofia. Por isso o definimos como o vínculo estabelecido do Império e da Igreja, unidos intrinsecamente, com um espaço físico da cristandade – em outras palavras, um lugar de memória, aqui situado na basílica de Santa Sofia –, para que Justiniano exercesse seu poder como governante de maneira legítima, através do sistema de olhar, acreditar e obedecer.

Assim, buscando inicialmente entender como se edificou historicamente esta ligação em Bizâncio dos espaços de religiosidade com o Império e a Igreja, compreendemos que é preciso olhar para os modelos que Constantinopla seguia, os quais, por sua vez, se encontravam na antiga Roma. Seguindo o estudo de Sennett se entende que, primeiramente, foi necessário que a construção imperial dos centros urbanos na antiga Roma passasse a dar

---

<sup>108</sup> SENNETT, op. cit., p. 94. Conforme abordado no capítulo anterior, Sennett define “geometria de poder” como a função atribuída aos edifícios na antiga Roma, de legitimar o poder dos governantes aos olhos dos seus súditos. Desta forma é que os chefes romanos buscavam disciplinar o movimento corporal dos súditos através das construções que faziam, conduzindo-os a olhar e acreditar e, por conseguinte, obedecer.

um imenso valor à religiosidade. Tomando como base para seu trabalho o Pantheon construído por Adriano (117-138), o estudioso enfatiza que o Imperador buscou, através deste templo, propagar no imaginário social a crença de que os deuses deixavam sinais visíveis de sua presença quando vinham à terra, através da construção de um monumento religioso imperial que justificasse o seu próprio reinado. Desta forma, a antiga Roma, que já possuía um governo estreitamente vinculado aos seus edifícios, passou, neste período, a contar com a ideia de que “todos os deuses do império estavam a favor do domínio imperial”<sup>109</sup>.

Com o passar do tempo, quando a influência da religião cristã cresceu em Roma, os governantes novamente se utilizaram de uma crença para se legitimar. Sennett explica que se exigiram ambientes apropriados também para a cristandade, “porque somente em alguns lugares, bem construídos, com arte, o sentido da conversão seria perceptível”<sup>110</sup>. Assim, é possível perceber os governantes do Ocidente apropriando-se de um legado tradicional para pensar novas demandas. E esse exercício foi pensado ainda no Oriente diante deste crescimento da cristandade, sendo que no governo de Justiniano, teve-se Santa Sofia como um dos palcos principais, segundo os registros de Procópio.

O destino do Pantheon, conforme Sennett, foi converter-se ao cristianismo para sobreviver no Ocidente, sendo assim, um dos primeiros templos pagãos da antiga Roma a se tornar cristão. O templo, anteriormente dedicado a uma multidão de deuses simpáticos ao Império, passou a se chamar *Sancta Maria ad Martires*, em 609. Observamos, assim, que mesmo no lado ocidental, enquanto outros antigos monumentos ruíam, o tratamento dado aos templos era outro, considerando que não podiam, por seu valor religioso, serem pilhados<sup>111</sup>.

No Oriente, por sua vez, Constantinopla se constituiu ao longo de sua história como herdeira deste Império Romano, construindo a nova Roma aos moldes da antiga. Entendemos que a mudança de capital exigiu uma adaptação necessária ao novo local, que tinha o espaço geográfico diretamente ligado à Grécia, como discorre James Allan Stewart Evans, e que a herança grega manteve-se, principalmente na vida intelectual bizantina. Entretanto, considera-se aqui que Roma e sua “geometria de poder” seriam o maior foco de Bizâncio para planejar arquitetonicamente a cidade e, como consequência, determinariam o planejamento das basílicas<sup>112</sup>.

Tal afirmação baseia-se, além do conceito desenvolvido por Sennett, do qual Constantinopla fazia-se legatário, em nossas leituras do próprio Evans, pois ao analisar a

<sup>109</sup> BROWN apud SENNETT, 2003, p. 80-81.

<sup>110</sup> SENNETT, op. cit., p. 129.

<sup>111</sup> SENNETT, op. cit., p. 81.

<sup>112</sup> EVANS, op. cit., p. 16.

construção da nova capital, o autor explica que tradicionalmente a fundação de Bizâncio é datada em 659 a.C. como a cidade-estado grega de Mégara. Entretanto, as primeiras construções no local do anfiteatro, do teatro e do hipódromo, que perdurariam no período aqui analisado, são frutos do momento em que o Imperador Romano Septímio Severo (193-211) saqueou a cidade e a refundou como uma colônia romana nomeada de *Antoniniana*, após a população bizantina ter apoiado seu rival, Níger, quando eles guerreavam. Por sua vez, os antigos espaços físicos religiosos de Constantinopla, que eram estreitamente ligados com a antiga cultura grega, sendo templos anteriormente dedicados a Afrodite, Ártemis e ao deus Sol, não resistiram do lado oriental, tal como ocorreu com o antigo templo romano do Pantheon<sup>113</sup>.

Nesse sentido, ao lançar um olhar especificamente para os espaços da religiosidade grega bizantina, encontramos, através de Evans, o Imperador Teodósio I (379-395) reorganizando essas construções ao final do século IV. Ao tornar a Ortodoxia religião oficial do Império, Teodósio retomou o programa de construções de Constantino (306-337) e, então, procurou novas formas de uso para esses locais durante seu governo. Deste modo, tornou-os ambientes seculares, transformando o templo a Ártemis em um cassino e o santuário a Afrodite, por exemplo, no edifício destinado ao prefeito pretoriano<sup>114</sup>.

Os espaços destinados à religiosidade cristã, que começaram a ser edificadas no período de Constâncio (337-361), chegariam à época de Justiniano (527-565) tendo por grande inspiração os romanos. Angold explica que por este motivo, todos correspondiam ao tipo basílica<sup>115</sup>.

Conforme se viu no capítulo anterior, desde sua primeira construção, a basílica de Santa Sofia serviu como forma de enfatizar a presença da cristandade na cidade, mas se consideramos a herança romana dessa construção, entendemos que sua criação já lhe atribuía o papel de deixar o sentido da conversão religiosa perceptível nesse espaço. Ao longo dos dois primeiros séculos de Constantinopla como capital, esse papel se ampliou e Santa Sofia adquiriu outra especificidade: além de ser um ambiente destinado à religiosidade, estava estreitamente vinculado ao Império, pois tinha a função específica de demonstrar a união entre as esferas política e religiosa de poder, servindo, portanto, como lugar de memória.

Desta forma, quando Justiniano decide reconstruí-la em 532, seguir o modelo arquitetônico de uma basílica seria um determinante para se alcançar os objetivos pretendidos

---

<sup>113</sup> EVANS, op. cit., p. 16.

<sup>114</sup> EVANS, op. cit., p. 16.

<sup>115</sup> ANGOLD, op. cit., p. 18-33.

pelo trono imperial, o qual por tradição não era feito sem motivo. Sennett explica que a geometria aplicada à estrutura escolhida pelo Imperador para Santa Sofia era o que disciplinava o movimento corporal através das “sinalizações” que se dava<sup>116</sup>.

As indicações começavam logo ao entrar, onde o tipo basílica oferecia uma construção retangular, que indicava que as pessoas deveriam entrar por um lado e sair pelo outro, se deslocando sempre para frente. Quando os súditos se encontravam no interior destas edificações, teriam a figura principal deste cenário em um dos extremos, e pontos de iluminação bem delimitados, aos cantos da grande sala central e que deveriam se somar a luz que entrava pelas janelas. Quando do lado de fora, parecia provir um comando destas grandes edificações para que o transeunte se colocasse diretamente em frente a elas. Assim, o lugar não se destinava de modo algum a um passeio despreocupado<sup>117</sup>. Esta estrutura, que seria utilizada por Justiniano em Santa Sofia, lhe forneceria o palco necessário para fundamentar seu poder, a quem estivesse dentro ou fora dela, através do uso de uma memória governamental cristã.

Então se faz necessário entender como a basílica tornou-se essa expressão máxima da utilização de uma “geometria de poder” no período de Justiniano, quando o Imperador a reconstruiu. Isso será possível ao olharmos analiticamente para como Procópio descreveu a reconstrução em suas narrativas, edificando uma imagem historiográfica do poder imperial e, por conseguinte, auxiliando na consolidação e no fortalecimento do governo de Justiniano.

Passamos aos relatos de Procópio sobre a reconstrução da basílica, presentes no *Livro I das Construções*:

Alguns homens comuns da multidão, toda escória da cidade, uma vez ergueram-se contra o Imperador Justiniano em Bizâncio, quando provocaram a rebelião chamada de Insurreição de Nika, que tem sido descrita por mim em detalhes e sem qualquer ocultação no Livro das Guerras. E para mostrar que não foi apenas contra o Imperador que eles tinham levantado as armas, mas não menos que contra o próprio Deus, ímpios e miseráveis que eram, eles tiveram a audácia de incendiar a Igreja dos Cristãos, que as pessoas de Bizâncio chamavam “Sophia”, um epíteto que tinham apropriadamente inventado para Deus, pelo qual eles chamam Seu templo; e Deus permitiu-os realizar esta impiedade, prevendo em que objeto de beleza este santuário estava destinado a transformar-se. Então toda a igreja<sup>118</sup>, naquele tempo, tornou-se um monte de ruínas carbonizadas.<sup>119</sup>

<sup>116</sup> SENNETT, op. cit., p. 101-102.

<sup>117</sup> SENNETT, op. cit., p. 101-102.

<sup>118</sup> A tradução para o inglês utiliza a palavra “church” para referir-se a basílica de Santa Sofia. Procópio, utiliza o substantivo “ἐκκλησία”. Aqui, optamos por nos referir a Santa Sofia como uma basílica considerando a forma arquitetônica com que foi projetada, a qual seguia os moldes romanos e tinha objetivos políticos bem definidos, de seguir uma “geometria de poder”. Esta noção será desenvolvida no decorrer do capítulo.

<sup>119</sup> PROCOPIUS. *Peri Ktismaton I. i. 20-22* “ Ἄνδρες ἀγγελοῖ ποτε καὶ ὁ συρφετος ὄλος Ἰουστινιανῶ βασιλεῖ ἐν Βυζαντίῳ ἐπαναστάντες την Νίκα καλουμένην στάσιν εἰργάσαντο,

Ao iniciar sua narrativa sobre Santa Sofia, Procópio procurou fazer uma breve descrição dos acontecimentos que motivaram a sua reconstrução. Assim, mencionou o episódio que ficou conhecido como *Revolta de Nika*, enfatizando que a descrição completa estava sendo realizada “sem qualquer ocultação”, reiterando seu compromisso com a verdade dos fatos, na obra *História das Guerras*, em uma referência ao *Livro I. xxiv*. Logo após, apresentou as consequências da insurreição para a basílica.

Não é nossa pretensão nesta pesquisa colocar em análise a sedição, pois demandaria um estudo bem mais aprofundado, que recentemente tem sido feito por autores como Angold e Evans<sup>120</sup>, que procuraram abordar analiticamente estes acontecimentos, revisando ainda clássicos, como o trabalho de Edward Gibbon, feito no século XVIII<sup>121</sup>. Este não é nem mesmo o objetivo de Procópio em *Das Construções*, ao optar apenas por mencioná-la. Assim, pretende-se aqui, apenas pensar a influência da rebelião sobre Santa Sofia e seus relatos. Neste sentido, nosso trabalho se aproxima do estudo sobre os eventos que envolvem o episódio feito por Evans. Este autor se propõe a discutir não somente o que escreve Procópio, mas também a buscar maiores esclarecimentos olhando também para outras fontes do período, como a *Akta dia Kalopodion ton koubikoularion kai spatharion*<sup>122</sup>, valendo-se ainda de uma ampla bibliografia especializada.

Compreendemos que ao mencionar “alguns homens comuns da multidão, toda a escória da cidade”, Procópio referia-se aos integrantes das facções Azuis e Verdes, conforme ele mesmo explica nas *Guerras*<sup>123</sup>, e que são estudadas por Evans. Segundo o autor, estes grupos comumente reuniam-se no hipódromo e lá protestavam para o governante durante os eventos. As reclamações eram entoadas pelos grupos de modo semelhante à liturgia da igreja, em métricas acentuais, sendo respondidas pelo Imperador através de um porta-voz<sup>124</sup>.

---

ἡπέρ μοι ἀπαρακαλύπτως ἀκριβολογουμένω ἐν τοῖς ὑπερ τῶν πολέμων δεδιήγηται λόγοις. ἐνδεικνύμενοι δε ὡς οὐκ ἐπι τον θεον ἄτε ἀποφράδες τα ὄπλα ἀντήρην, ἐμπρήσαι τῶν Χριστιανῶν την ἐκκλησίαν ἐτόλμησαν (Σοφίαν καλοῦσιν οἱ Βυζάντιοι τον νεων ἐπικαιριώτατα τῷ θεῷ την ἐπωνυμία ἀπεργασάμενοι), ἐπεχώρει δε αὐτοῖς ὁ θεος διαπράξασθαι το ἀσέβημα, προειδως εἰς ὅσον τι κάλλος τοῦτο το ἱερὸν μεταστήσεσθαι ἔμελλεν. ἦ μεν οὖν ἐκκλησία ἐξηθρακωμένη τότε ζύμπασσα ἔκειτο.”, aspas do autor.

<sup>120</sup> Referimo-nos aqui aos livros até então utilizados como bibliografia desta pesquisa, sendo eles ANGOLD, Michael. *Bizâncio: a ponte da antiguidade para a Idade Média*. Rio de Janeiro: Imago, 2002, e EVANS, James Alan Stewart. *The Age of Justinian: The Circumstances of Imperial Power*. NY: Taylor & Francis e-Library, 2001.

<sup>121</sup> GIBBON, Edward. *Declínio e Queda do Império Romano*. São Paulo: Companhia das Letras, 1960.

<sup>122</sup> Trata-se de um texto na íntegra do período utilizado por Evans como fonte, onde é narrado o protesto que aconteceu no hipódromo que teria dado início a *Revolta de Nika*.

<sup>123</sup> PROCOPIUS. *De Bello Persico I. xxiv*.

<sup>124</sup> EVANS, op. cit., p. 119.

Foi em um destes protestos, que ficou narrado no documento acima mencionado, com data de 11 de janeiro de 532, que ocorreu o início da *Revolta de Nika*, durante o governo de Justiniano. Após as queixas dos Verdes sobre a violência dos Azuis, houve um esforço por parte do governo imperial para demonstrar imparcialidade<sup>125</sup>, condenando um assassino de cada facção. Ambos os grupos acabam reunindo-se, diante de tal ato, para clamar por piedade a Justiniano<sup>126</sup>. Este, não atendendo aos pedidos dos grupos, viu-os, conforme descreve Procópio nas *Construções*, erguerem-se contra ele. Diante disso, a sedição só seria contida após a morte de cerca de 30.000 pessoas<sup>127</sup>.

No decorrer dos sete dias em que ocorreu a revolta<sup>128</sup>, Procópio conta que os insurretos, em um determinado momento, incendiaram a basílica chamada pelos bizantinos “Sophia” (no grego Σοφία, sabedoria)<sup>129</sup>. Ao narrar estes acontecimentos, o historiador deixa clara a função atribuída a Santa Sofia como lugar de memória da união entre o Império e a Igreja Cristã de Constantinopla e, por conseguinte, sua importância à cidade. Isso acontece quando o historiador relata que o incêndio da basílica era para “mostrar que não foi apenas contra o Imperador que eles tinham levantado as armas, mas não menos que contra o próprio Deus”, que eles tiveram a “audácia de incendiar a Igreja dos Cristãos”. Assim, ao considerarmos o valor que se atribuía a basílica diante desta descrição, é possível afirmar que ao atearem fogo na construção, os revoltosos estavam colocando abaixo não menos que o espaço de representação máxima desses dois poderes.

No entanto, foi diante desta destruição dos revoltosos que, segundo Procópio, só ocorreu porque “Deus permitiu-os realizar esta impiedade”, que a basílica tomou novas proporções. Para o historiador, o consentimento divino acontece na medida em que Ele já previa o objeto de beleza que “este santuário estava destinado a transformar-se”. Por sua vez, tal transformação só foi possível graças à atitude que o Imperador teve após a basílica tornar-se um “monte de ruínas carbonizadas”.

Assim, ao narrar a decisão imperial de reconstrução, vista logo na sequência, se poderia afirmar que Procópio já buscava elaborar a construção da imagem de Justiniano que ficaria legada a historiografia, na medida em que o autor estava não só preocupado com a

<sup>125</sup> Sobre a atuação política dessas facções, que fazia muitas vezes os Imperadores favorecerem uma delas ver Runciman, Steven. op. cit., p. 59-60 e ANGOLD, op. cit., p. 28-31.

<sup>126</sup> EVANS, op. cit., p. 119-121.

<sup>127</sup> EVANS, op. cit., p. 123.

<sup>128</sup> EVANS, op. cit., p. 125.

<sup>129</sup> Para discussões sobre as variações dos nomes e títulos dados a basílica de Santa Sofia por diferentes escritores bizantinos ver DOWNEY, Glanville. The Name of the Church of St. Sophia in Constantinople. *The Harvard Theological Review*, Vol. 52, No. 1 (Jan., 1959), p. 37-41 e CAMERON, Averil. Procopius and the Church of St. Sophia. *The Harvard Theological Review*, Vol. 58, No. 1 (Jan., 1965), p. 161-163.

forma de narrar os acontecimentos, os quais tinham como protagonista o Imperador, mas também diante da preocupação com quem leria seus relatos. Há que se lembrar que as descrições feitas destinavam-se a seus contemporâneos e ficariam como legado para as futuras gerações, conforme esclarecia o próprio autor nos trechos analisados anteriormente<sup>130</sup>. Assim o historiador prosseguia:

Mas o Imperador Justiniano construiu pouco tempo depois uma igreja tão primorosamente desenhada, que se qualquer um tivesse perguntado aos cristãos antes do incêndio, estes teriam desejado que a igreja fosse destruída e que esta tomasse seu lugar, olhando o modelo da construção que nós agora vemos, parece-me que eles teriam rezado para ver esta igreja imediatamente destruída, pedindo que a construção pudesse ser convertida na forma atual. Em qualquer avaliação do Imperador, ele desconsiderou todos os gastos e rapidamente começou o trabalho de construção, iniciando por reunir artesãos de todo o mundo. E Antêmio de Trales, o mais erudito homem, perito no ofício que é conhecido pela arte de construir, não apenas para seus contemporâneos, mas também quando comparado com aqueles que viveram bem antes dele, ajudou o entusiasmo do Imperador, regulamentando devidamente a tarefa de vários artesãos e preparando os desenhos da futura construção; e associado com ele estava outro mestre-de-obras, de nome Isidoro, milesiano por nascimento, um homem que era inteligente e digno para assistir ao Imperador Justiniano. De fato, essa também foi uma indicação de honra em que Deus auxiliou-o, em que Ele já tinha fornecido os homens que seriam mais prestativos ao Imperador nas tarefas que seriam levadas a público. E alguns podem com boas razões admirar-se pelo discernimento do próprio Imperador, em que longe do mundano, ele foi apto por selecionar os homens que eram mais apropriados pelos mais importantes de seus empreendimentos.<sup>131</sup>

Considerando aqui a elaboração que Procópio pretendia fazer da imagem imperial, o trecho supracitado deixa evidente que o novo espaço da basílica, tão importante a Constantinopla no século VI pelo papel que exercia do lugar da memória do Imperador e da Igreja para os cristãos contemporâneos, só tomou as novas proporções, devido a Justiniano. Apesar de ser com o consentimento e auxílio divino que se tem uma reconstrução, foi pelo

<sup>130</sup> Vide nota de rodapé 53.

<sup>131</sup> PROCOPIUS. *Peri Ktismaton I. i. 22-26* “βασιλευς δε Ιουστινιανος τοιαύτην ἀποτετόρνενται οὐ πολλῶ ὕστερον ὥστε , εἰ τῶν Χριστιανῶν τις ἐπύθετο πρότερον εἰ βουλομένοις αὐτοῖς διολωλέναι την ἐκκλησίαν εἶη και τοιάνδε γενέσθαι, δείξας τι αὐτοῖς τῶν νῦν φαινομένων ἐκτύπωμα, δοκοῦσιν ἄν μοι ὡς συντομώτατα εὐξασθαι πεπονηῦνα σφίσι τήν ἐκκλησίαν θεάσασθαι, ὅπως δη αὐτοῖς ἐς το παρον μεταβάλοιτο σχῆμα. ὁ μεν οὖν βασιλευς ἀφροντιστήσας χρημάτων ἀπάντων ἐς την οἰκοδομην σπουδῆ ἔετο, και τους τεχνίτας ἐκ πάσης γῆς ἠγειρεν ἅπαντας. Ἐνθέμιος δε Τραλλιανός, ἐπι σοφία τῇ καλουμένη μηχανικῇ λογιώτατος, οὐ τῶν κατ’ αὐτον μόνον ἀπάντων, ἀλλα και τῶν αὐτοῦ προγεγεννημένων πολλῶ, τῇ βασιλέως ὑπούργει σπουδῆ, τοῖς τεκταινομένοις τα ἔργα ῥυθμίζων, τῶν τε γενησομένων προδιασκευάζων ἰνδάλματα, και μηχανοποιος συν αὐτῶ ἕτερος, Ἰσίδωρος ὄνομα, Μιλῆσιος γένος, ἐμφρων τε ἄλλως καί πρέπων Ἰουστινιανῶ ὑπουργεῖν βασιλεῖ. ἦν δε ἄρα και τοῦτο τῆς τοῦ θεοῦ περι τον βασιλέα τιμῆς, προκαταστησαμένο τους ἐς ταπραθησόμενα χρησιμωτάτους αὐτῶ ἔσομένους, και αὐτοῦ δέ τοῦ βασιλέως τον νοῦν εἰκότως ἄν τις ἀγασθειῆ τούτου δη ἔνεκα, ὅτι δη ἐκ παιτων ἀνθρώπων ἐς τῶν πραγμάτων τα σπουδαιότατα τους καιριωτάτους ἀπολέξασθαι ἔσχε.”

“discernimento do próprio Imperador” de reunir peritos na arte de construir, como Antêmio de Trales e Isidoro de Mileto, que Santa Sofia se converteu na forma atual.

Quanto ao novo formato proporcionado pela reconstrução, seriam contornos tão “primorosos”, nas palavras de Procópio, que fariam com que o próprio povo cristão da cidade, se soubesse como ficaria, solicitasse em orações para que houvesse uma rebelião e, por conseguinte, uma destruição. Neste sentido, é possível perceber que Procópio procurou se utilizar da glória presente na nova basílica após a reconstrução, para superar ainda a *Revolta de Nika* e, como consequência, a ruína que havia sido causada durante o governo de Justiniano. Essa atitude, por sua vez, não era algo novo, mas sim, um uso, de Justiniano na política, e de Procópio na escrita, do legado romano, haja vista que assim agiam os Imperadores da antiguidade com as construções, conforme se observou no capítulo anterior, apesar das especificidades presentes na forma de apropriação realizada tanto pelo imperador, quanto pelo historiador.

Na sequência, o historiador passa a descrever aspectos específicos da arquitetura da basílica, possibilitando a demonstração de que era a expressão máxima de uma “geometria de poder”:

Então a igreja tornou-se um espetáculo de maravilhosa beleza, esmagando aqueles que a viam, mas completamente inacreditável para aqueles que a conheciam por ouvir falar. Porque eleva-se em uma altura que une-se ao céu, como se levantasse avançando entre as outras construções, e no alto olhasse para baixo sobre o resto da cidade, adornando-a, porque é uma parte dela, mas glorificando-se em sua própria beleza, porque, apesar de dominar uma parte da cidade, ao mesmo tempo ergue-se a tal altura que toda a cidade é vista como de uma torre de vigia. Não só sua largura como também seu comprimento tem sido tão cuidadosamente proporcionados, que não seria incorreto dizer que é extremamente longa e ao mesmo tempo excepcionalmente larga. E exulta em uma beleza indescritível. Por essa orgulhosa exposição de massa e da harmonia de suas proporções, não tendo qualquer excesso nem carência, é desde as mais pretenciosas construções de que somos acostumados, consideravelmente mais nobre do que aquelas que são simplesmente enormes, é também excessivamente rica na luz solar e na reflexão dos raios solares no mármore. De fato, um poder indica que seu interior não é iluminado de fora pelo sol, mas que o brilho vem de dentro dele próprio, tal é a abundância em que banha-se de luz esse santuário. E a frente da própria igreja [que seria a parte em que se observa a ascensão do sol, essa porção da construção em que eles representam os mistérios de adoração a Deus] foi construída seguindo esses moldes.<sup>132</sup>

<sup>132</sup> PROCOPIUS. *Peri Ktismaton I. i. 27-31* “Θέαμα τοίνυν ἡ ἐκκλησία κεκαλλιστευμένον γεγένεται, τοῖς μὲν ὀρώσιν ὑπερφύες, τοῖς δὲ ἀκούουσι παντελῶς ἀπιστον· ἐπῆρται μὲν γὰρ ἐς ὕψος οὐράνιον ὅσον, καὶ ὡσπερ τῶν ἄλλων οἰκοδομημάτων ἀποσαλεύουσα ἐπιπένηκεν ὑπερκειμένη τῇ ἄλλῃ πόλει, κοσμοῦσα μὲν αὐτήν, ὅτι αὐτῆς ἐστίν, ὠραΐζομένη δέ, ὅτι αὐτῆς οὖσα καὶ ἐπεμβαίνουσα τοσοῦτον ἀνέχει ὥστε δη ἐνθένδε ἡ πόλις ἐκ περιωπῆς ἀποσκοπεῖται. Εὗρος δὲ αὐτῆς καὶ μῆκος οὕτως ἐν ἐπιτηδείῳ ἀποτετόρνενται, ὥστε καὶ περιμήκης καὶ ὄλως εὐρεῖα οὐκ ἀπο τρόπου εἰρήσεται. Κάλλει δὲ ἀμυθῆτῳ ἀποσεμνύνεται. τῷ τε γὰρ ὄγκῳ κεκόμψευται καὶ τῇ ἀρμονίᾳ τοῦ μέτρου, οὔτε τι ὑπεράγαν οὔτε τι ἐνδεῶς



A estrutura descrita por Procópio da nova construção de Santa Sofia destinava-se a contar sobre a esmagadora beleza do lugar. Desta forma, ao vincularmos o valor religioso presente na basílica edificada, com o uso feito destes espaços pelo Imperador e pelo Patriarca, entendemos como o sistema de olhar, acreditar e obedecer era realizado e, por conseguinte, legitimava o poder de Justiniano.

Faz-se necessário que se entenda como os trechos descrevem a sensação para quem olhava a basílica. O historiador enfatiza já em suas primeiras linhas: somente quem via o lugar seria capaz de crer no tamanho de sua beleza, pois a basílica esmagava “aqueles que a viam” e era “completamente inacreditável para aqueles que a conheciam por ouvir falar”.

Na sequência, Procópio desenvolve ainda mais essa ideia, ao explicar que a pessoa que avistasse Santa Sofia pela manhã enxergaria algo muito mais nobre do que uma construção grandiosa, “tal é a abundância em que banha-se de luz esse santuário”. Assim, ao trabalhar a iluminação da basílica, o historiador lhe atribuiu uma nova dimensão, que não somente tornar claro o lugar a quem se encontrava nele, mas sim, de uma contemplação do espaço religioso, de valor sagrado e o qual se destinava à memória imperial e patriarcal.

Neste sentido, trabalhamos aqui com a hipótese de que foi para fundamentar este argumento da divindade presente no lugar da memória governamental cristã, que a maior parte dos relatos de Procópio sobre a reconstrução se detém a pensar a cúpula da basílica, pois era a partir dela que a noção de luz divina poderia ser trabalhada<sup>133</sup>. Tal ideia converge com as explicações feitas por Angold<sup>134</sup>. O autor aponta que foi a partir do círculo de janelas instalado na borda da cúpula principal que se permitiu ter um conveniente palco durante as festividades cristãs, para o encontro entre o Imperador e o Patriarca. Na celebração da missa, era o momento em que essas duas figuras se encontravam ao sair do santuário para trocar o “Beijo da Paz”, simbolizando a harmonia e a demonstração de união que Justiniano entendia que deveria persistir entre ambos os poderes. Era neste palco que Procópio narrava existir

---

ἔχουσα, ἐπεὶ καὶ τοῦ ξυνειθισμένου κομπωδεστέρα καὶ τοῦ ἀμέτρου κοσμιωτέρα ἐπιεικῶς ἔστι, φωτὶ δὲ καὶ ἡλίου μαρμαρυγαῖς ὑπερφυῶς πλήθει. φαίης ἂν οὐκ ἔξωθεν καταλάμπεσθαι ἡλιῶ τον χώρον, ἀλλὰ τὴν ἀγλὴν ἐν αὐτῷ φύεσθαι, τοσαύτη τις φωτὸς περιουσία ἔς τοῦτο δη το ἱερὸν περικέχεται. καὶ το μὲν τοῦ νεω πρόσωπον (εἶη δ' ἂν αὐτοῦ τα προς ἀνισχοντα ἡλιον, ἵνα δη τῷ θεῷ ἱεουργοῦσι τα ἄρρητα) τρόπῳ τοιῶδε δεδημιούργηται.”, intervenção entre colchetes do autor.

<sup>133</sup> Apesar de já ser conhecida neste período, conforme explica Runciman (1977, p. 199-201), a cúpula foi considerada uma inovação arquitetônica no período de Justiniano, pois era até então projetada sobre construções quadradas e, a partir do século VI, com Santa Sofia, passaram a colocá-la sobre uma construção retangular, cujo interior foi desenhado ainda no estilo de uma basílica cruciforme.

<sup>134</sup> ANGOLD, op. cit., p. 33.

“um poder” que fazia o brilho estar na própria basílica, não sendo os raios solares os responsáveis por tal iluminação.

Deste modo, entendemos que a forma de edificação da cúpula, que Procópio dedica páginas a explicar como aconteceu ao falar da reconstrução, proporcionou, através da sua descrição, a elaboração da noção da luminosidade ser sagrada em Santa Sofia e, por conseguinte, sugeriu no que seus contemporâneos deveriam crer. Ao falar da sensação experimentada por quem estivesse dentro da basílica, o historiador apontava que “ele sem dúvidas maravilhar-se-ia em tamanho rebuscamento, a matização natural de outro modo, enrubesce o brilho e lampeja brancura e volta ao natural, como algum pintor, variando o contraste das cores”<sup>135</sup>. Em outras palavras, a variação das cores projetadas na basílica a partir da cúpula, fornecia os tons necessários durante sua utilização para que os cristãos acreditassem que era o Imperador e o Patriarca simbolicamente que irradiavam luz. Ainda sugerindo sensações de quem adentrasse em Santa Sofia, Procópio enfatizava que

Alguém poderia imaginar que tivesse chegado sobre um campo coberto de flores desabrochando. [...]. E qualquer um, quando quer que seja, entraria na igreja para rezar e entenderia no momento que não é por qualquer poder humano ou aptidão, mas por influência de Deus, que este trabalho tem sido tão primorosamente transformado. E então sua mente é elevada em direção a Deus e exaltada, sentindo que Ele não pode estar tão longe, mas deve, sobretudo, amar residir neste lugar que Ele tem escolhido. E isto não é apenas o que acontece para alguém que vê a igreja pela primeira vez, mas a mesma experiência chega para cada um em ocasião consecutiva, a cada vez que a aviste. Deste espetáculo ninguém jamais tem se saciado, mas quando presentes na igreja, os homens alegram-se no que veem, e quando eles partem, enchem-se de orgulho em conversar sobre isso.<sup>136</sup>

Era então através do valor religioso, de santidade da basílica utilizada pelos cristãos contemporâneos que eles deveriam ser capazes, a partir do que observavam, de sentirem-se próximos a Deus e acreditarem no cristianismo. Como consequência, eram conduzidos a acreditar no poder imperial, o qual, desta forma, legitimava-se. Essa legitimação, por sua vez,

<sup>135</sup> PROCOPIUS. *Peri Ktismaton I. i. 60* “θαυμάσειε γὰρ ἂν εἰκότως τῶν μὲν τὸ ἀλουργόν, τῶν δὲ τὸ χλοάζον, καὶ οἷς τὸ φοινικῶν ἐπαιθεῖ καὶ ὦν τὸ λευκὸν ἀπαστρέπτει, ἔτι μέντοι καὶ οὐς ταῖς ἐναντιωτάταις ποικίλλει χροιαῖς ὥσπερ τις ζωγράφος ἢ φύσις.”

<sup>136</sup> Ibid., p. 27, tradução nossa. No original: PROCOPIUS. *Peri Ktismaton I. i. 59-63* “λειμῶνι τις ἂν ἐντετυχηκέναι δόξειεν ὠραῖω τὸ ἄνθος. [...]. ὀπηνίκα δὲ τις εὐξόμενος ἐς αὐτὸ ἴοι, ξυνήησι μὲν εὐθύς ὡς οὐκ ἀνθρωπεῖα δυνάμει ἢ τέχνῃ, ἀλλὰ θεοῦ ῥοπή τὸ ἔργον τοῦτο ἀποτετόρνευται· ὁ νοῦς δὲ οἱ πρὸς τὸν θεὸν ἐπαιρόμενος ἀεροβατεῖ, οὐ μακρὰν ποὺ ἡγούμενος αὐτὸν εἶναι, ἀλλ’ ἐμφιλοχωρεῖν μάλιστα οἷς αὐτὸς εἶλετο. καὶ τοῦτο οὐ τὴν πρώτην μόνον ἰδόντι ξυμβαίνει, ἀλλὰ διηνεκες ἐκάστῳ ταῦτο τοῦτο δοκεῖ, ὥσπερ ἐνταῦθα τῆς ὄψεως ἀεὶ ἀρχομένης. τούτου κόρον οὐδεὶς τοῦ θεάματος ἔλαβε πώποτε, ἀλλὰ παρόντες μὲν τῷ ἱερῷ ἄνθρωποι τοῖς ὀρωμένοις γεγήθασιν, ἀπιόντες δὲ τοῖς ὑπὲρ αὐτοῦ διαλόγοις ἀποσεμνύονται.”

garantia que o sentimento que era ali provocado não permanecesse apenas naquele espaço, mas sim, que persistisse quando os súditos estivessem fora do lugar, pois a alegria de quem de lá partia, segundo Procópio, estava em conversar sobre o que vivenciavam na basílica. Ao fazer tal apontamento, o historiador acabava sugerindo também qual deveria ser a imagem a ficar na memória coletiva e por consequência, que poderia ser repassada a posteridade através de uma tradição oral.

Desta forma, há que se analisar como a arquitetura projetada para Santa Sofia auxiliava no processo de legitimação do governo imperial do lado externo dela, diante do valor religioso cristão existente nos espaços destinados à basílica. Procópio, falando das várias cúpulas pensadas para a construção, esclarece que ao ver

Todos estes detalhes, ajustados conjuntamente com incrível habilidade no meio do ar, flutuando a grande distância um do outro e parando apenas nas partes próximas a ele, produzem uma singular e mais extraordinária harmonia ao trabalho, e já não permitem ao espectador protelar muito todo o estudo de qualquer um deles, mas cada detalhe atrativo aos olhos e irresistivelmente atraente por si próprio. Então a vista constantemente troca rapidamente, pois o espectador é completamente incapaz de selecionar um detalhe particular, ele deverá admirar [o domo] mais que todos os outros [detalhes]. Mas ao entardecer, embora ele retorne sua atenção para qualquer lado e passe os olhos por cada detalhe, o observador ainda será incapaz de entender a habilidosa arte, mas eles sempre sairão dali esmagados pela desconcertante visão. Tão grande, então, por isso.<sup>137</sup>

Procópio explanava que havia uma sensação provocada pela religiosidade em quem enxergava a basílica também de fora, e que era por esse motivo que Santa Sofia se tornava objeto de contemplação de quem por ela passava. O historiador ainda explicava que eram os sentimentos vivenciados até mesmo por quem olhava para esse lugar de memória que o tornava grandioso. Em outras palavras para o historiador não era exatamente pela sua estrutura física que a basílica fazia-se grande, mas pelo que ela representava. Deste modo, atribuiu ao seu tamanho também um sentido bastante novo, de algo com imenso valor político-religioso.

---

<sup>137</sup> PROCOPIUS. *Peri Ktismaton I. i. 47-49* “ταῦτα δὲ πάντα ἐς ἀλληλά τε παρά δόξαν ἐν μεταρσίῳ ἐναρμοσθέντα, ἐκ τε ἀλλήλων ἠωρημένα καὶ μόνοις ἐναπεριδόμενα τοῖς ἀγχίστα οὖσι, μίνα μὲν ἀρμονίᾳ ἐκπρεπεστάτην τοῦ ἔγου ποιοῦνται, οὐ παρέχονται δὲ τοῖς θεωμένοις αὐτῶν τινὶ ἐμφιλοχωρεῖν ἐπὶ πολὺ τὴν ὄψιν, ἀλλὰ μεθέλκει τὸν ὀφθαλμὸν ἕκαστον, καὶ μεταβιβάζει ρᾶστα ἐφ’ ἑαυτό. ἀγχίστροφός τε ἡ τῆς θεᾶς μεταβολὴ ἐς αἰεὶ γίγνεται, ἀπολέξασθαι τοῦ ἐσορῶντος οὐδαμῆ ἔχοντος ὃ τι ἂν ποτε ἀγασθεῖη μᾶλλον τῶν ἄλλων ἀπάντων. ἀλλὰ καὶ ὡς ἀποσκοποῦτες πανταχόσε τὸν νοῦν, τάς τε ὀφρῦς ἐπὶ πᾶσι συννενευκότες, οὐχ οἰοί τε εἰσι ξυνεῖναι τῆς τέχνης, ἀλλ’ ἀπαλλάσσονται αἰεὶ ἐνθέδε καταπεπληγμένοι τῇ ἐς τὴν ὄψιν ἀμηχανίᾳ. ταῦτα μὲν οὖν τῆδέ πη ἔχει.”, intervenção entre colchetes nossa.

Tais trechos, ao deixarem perceptível uma “geometria de poder” na forma como foram elaborados, auxiliavam na construção da imagem historiográfica pretendida para Justiniano. Os trechos finais da reconstrução de Santa Sofia, por sua vez, destacam de modo ainda mais enfático a elaboração dessa imagem. Isso acontece quando Procópio passa a descrever como o Imperador auxiliou na construção da própria basílica, ao resolver problemas que nem mesmo os peritos contratados foram capazes de resolver. Ao contar sobre as dificuldades com as correias (no grego λῶρος, no latim *lorus*) usadas para erguer as colunas que eram construídas, o autor enfatiza que a atitude de Antêmio de Trales e Isidoro de Mileto foi levar a questão a Justiniano. Este, por sua vez, a resolveu:

Então uma vez mais que o mestre-de-obras estivesse consternado com o que tinha acontecido, levou seu problema para o Imperador. E novamente o Imperador encontrou a situação com um remédio, como segue. Ele ordenou-os imediatamente que removessem as partes superiores da construção que foram forçadas, isto é, as porções que vinham entrando em contato com os arcos, para colocá-las de volta posteriormente, logo que a umidade da construção diminuísse o suficiente para suportar. Estas instruções conduziram-na, e daí em diante a estrutura ergueu-se segura. E o Imperador, deste modo, apreciou o testemunho do trabalho.<sup>138</sup>

Neste sentido, é possível perceber Procópio formando uma imagem positivada para o trono imperial em seus relatos, onde toda a reconstrução tem em Justiniano seu principal foco. Foi o governante o responsável por escolher os homens mais capazes para trabalhar na reconstrução, sendo, portanto, quem fez o planejamento arquitetônico. E não era qualquer modo de estruturar uma edificação, mas algo novo, uma cúpula sendo projetada sobre uma basílica cruciforme.

Não bastando planejar a arquitetura deste local sagrado, o Imperador ainda tinha a resolução para questões específicas do processo de reconstrução, que nem mesmo os melhores homens eram capazes de resolver. Deste modo foi que, segundo Procópio, Justiniano reconstruiu um local de imenso valor sagrado, que o próprio Deus havia escolhido como morada, e que, por tal motivo, irradiava luz por si própria.

Por fim, é possível concluir que os relatos do próprio Procópio possibilitam pensar na sobreposição imperial ao cristianismo no período aqui analisado, sendo que o governo se

<sup>138</sup> PROCOPIUS. *Peri Ktismaton I. i. 76-78* “και αὐθις μεν ἄθυμοι τοῖς συμπεπτωκόσιν οἱ μηχανικοὶ γενημένοι τῷ βασιλεῖ τα σφίσι παρόντα ἐσήγγελλον. αὐθις δε ὁ βασιλευς ἀντεπετεχνήσατο τάδε. τούτων δη τῶν πεπονηκότων τα ἄκρα, ὅας τῶν ἀψίδων ἐπέψαυε, διελεῖν μεν ἐν τῷ παραυτίκα ἐκέλευσεν, ἐντιθέναι δε πολλῶ ὕστερον, ἐπειδαν το τῆς οἰκοδομίας ὕγρον ἀπολωθήσειεν αὐτοῖς μάλιστα. και οἱ μεν κατα ταῦτα ἐποίουν· ἡ δε κτίσις διαγέγονε το λοιπον ἐν ἀσφαλεῖ οὔσα. φέρεται δέ τι και μαρτύριον ὁ βασιλευς τοῦ ἔργου τοιόνδε.”

utilizou desta crença para atingir seus ideais de poder. Também é possível falar na atribuição do historiador em seus relatos ao papel histórico de deixar edificada não apenas a escrita da reconstrução da basílica de Santa Sofia, mas ainda na construção da representação de Justiniano, que ficaria de legado aos seus contemporâneos e as futuras gerações. Para isso, moldou-as apropriando-se de um lugar onde a memória governamental cristã encontrava-se consolidada e assim, deixou criado um espaço de memória histórica nas narrativas, as quais auxiliaram no processo de fortalecimento do poder imperial.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do olhar lançado sobre a fonte, é possível concluir neste trabalho que o processo de reconstrução da basílica de Santa Sofia feita por Justiniano ocorreu diante da necessidade de utilização de um espaço consolidado tradicionalmente na História Bizantina, para que o poder deste governante fosse fortalecido, na medida em que se encontrava abalado devido a *Revolta de Nika*. Para isso, houve a apropriação do valor político e religioso presente na nova basílica, que serviram como forma de superar a rebelião e obter o controle de Constantinopla.

Diante deste contexto, deixar relatos escritos sobre os acontecimentos serviu como forma de sugerir aos contemporâneos de Procópio e Justiniano a imagem que deveriam ter do governante e da basílica, como também a forma com que as futuras gerações deveriam ver historicamente estes acontecimentos e o Imperador. Por conseguinte, deixava-se criado um espaço de memória escrito nas narrativas, que se utilizou de um lugar material destinado à manutenção da memória da união entre o Império e a Igreja para conseguir seus intentos.

Também percebemos que tanto o processo de reconstrução, quanto da escrita do panegírico não foram realizados sem um propósito. Os relatos acabam tendo grande importância na literatura do período tardo-antigo. Desta forma, desconsiderar *Das Construções* evitando lançar um olhar histórico sobre estes relatos porque revelaria apenas “insinceridades” da parte de Procópio, ainda mais ao opô-lo com a *História Secreta* acaba demonstrando-se, como já enfatizava Cameron, como um procedimento totalmente falho.

Nesse sentido, demonstra-se de primordial importância a historiografia atual contribuir no processo de desconstrução dessas visões, as quais acabam por fortalecer as correntes que aprisionam a História em um modelo específico e que, por consequência, a limita em termos de conhecimento e discussões. Assim, ainda há muito a se fazer para quebrar estas correntes, sendo um entre tantos desafios que precisam ser enfrentados pelos pesquisadores contemporâneos.

Nesta pesquisa, as maiores dificuldades estiveram atreladas com a bibliografia em língua inglesa, bem como a busca por entender o original da fonte em grego. Por outro lado, era a possibilidade de acesso ao grego o que fornecia maior segurança ao longo de sua utilização.

Desta forma, o trabalho permitiu enfrentar alguns dos desafios que Aline Dias da Silveira apontou em seu estudo, onde tentamos nos inserir através desta pesquisa na busca por

construir o nosso espaço no desenvolvimento da compreensão histórica, a partir das reflexões que foram levantadas até aqui, e que ainda podem ser possibilitadas por este estudo.

## 6 FONTES

PROCOPIUS. *On Buildings* (latim *De aedificiis*; grego *Peri Ktismaton*). London: Harvard University Press, 1954.

PROCOPIUS. The Persian War (grego *De Bello Persico*). In: *History of the Wars*. London: Harvard University Press, 1996.

## 7 REFERÊNCIAS

ALCARAZ, Paulo. *Procópio de Cesareia e a reconstrução de Santa Sofia*. Porto Alegre: 2004. Disponível em: < <http://www.sophia.org/tutorials/santa-sofia> > Acesso em: 20 jul. 2014.

ANDRADE FILHO, Ruy de Oliveira; FRANCO JUNIOR, Hilário. *O Império Bizantino*. São Paulo: Editora Brasiliense S. A., 1985.

ANGOLD, Michael. *Bizâncio: a ponte da antiguidade para a Idade Média*. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

ARISTOTLE. *The Constitution of the Athenians*. London: Harvard University Press, 1952. Disponível em: < <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0046%3Achapter%3Dfragments> > Acesso em: 06 Mai. 2017

ARNALDI, Girolamo. Igreja e papado. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (Orgs.). *Dicionário temático do ocidente medieval*. Volume I. São Paulo: Edusc, 2002. p. 567-589

BALARD, Michel. Bizâncio visto do Ocidente. In: LE GOFF, Jacques, SCHMITT, Jean-Claude (Orgs.). *Dicionário temático do Ocidente Medieval*. Volume I. São Paulo: Edusc, 2002. p. 129-137.

BALARD, Michel & DUCCELLIER, Alain. Bizâncio e o Ocidente. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (Orgs.). *Dicionário temático do Ocidente Medieval*. Volume I. São Paulo: Edusc, 2002. p. 119-128.

BERTACCHI, André Rodrigues. *O panegírico de Isócrates: tradução e comentário*. Dissertação de mestrado. São Paulo: USP, 2014.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. Tradutor João Ferreira. 11. Ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

BOY, Renato Viana. Fim do Mundo Antigo e barbárie: um estudo da História das Guerras, de Procópio de Cesareia. In: BOVO, Cláudia Regina; RUST, Leandro Duarte; CRUZ, Marcus Silva da (Org.). *Anais Eletrônicos do IX Encontro Internacional de Estudos Medievais: O ofício do Medievalista*. Cuiabá: ABREM, 2011.



BOY, Renato Viana. *Procópio de Cesareia e as disputas entre romanos e bárbaros na Guerra Gótica: da “Queda de Roma” ao período de Justiniano*. 2013. 193 f. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em História Social, São Paulo, 2013.

CAMERON, Averil. Procopius and the Church of St. Sophia. *The Harvard Theological Review*, Vol. 58, No. 1 (Jan., 1965), p. 161-163.

CAMERON, Averil. *Procopius and the sixth century*. London: Routledge, 2005.

DOWNEY, Glanville. The Name of the Church of St. Sophia in Constantinople. *The Harvard Theological Review*, Vol. 52, No. 1 (Jan., 1959), p. 37-41.

EVANS, James Alan Stewart. *The Age of Justinian: The Circumstances of Imperial Power*. NY: Taylor & Francis e-Library, 2001.

EVANS, James Alan Stewart. The Dates of the Anecdota and the de Aedificiis of Procopius. *Classical Philology*, Vol. 64, No. 1. (Jan., 1969), p. 29-30.

GIBBON, Edward. *Declínio e Queda do Império Romano*. São Paulo: Companhia das Letras, 1960.

HARTOG, François. *Os antigos, o passado e o presente*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003.

ISIDRO PEREIRA, S. J. *Dicionário Grego - Português e Português - Grego*. 8. Ed. Braga: Livraria Apostolado da Imprensa, 1998.

LE JAN, Régine. O historiador e suas fontes: Construção, desconstrução, reconstrução. *Revista Signum*. Belo Horizonte, vol. 17, n. 1, p. 5-26, 2016.

LOYN, H. R. (Org.). *Dicionário Ilustrado da Idade Média*. RJ: Jorge Zahar Editores, 1997.

MAINSTONE, Rowland. Justinian's Church of St Sophia, Istanbul: Recent Studies of Its Construction and First Partial Reconstruction. *Jstor Architectural History*. New York, vol. 12, 1969, p. 102-107.

MONTESQUIEU. *Grandeza e decadência dos romanos*. Tradução: Gilson César de Souza. São Paulo: Germap, 2002.

NETO, Willibaldo Ruppenthal. *Os Verdes e os Azuis na História Secreta de Procópio*. Rio de Janeiro: Plêthos, 2012.

NORA, Pierre. Entre memória e história: A problemática dos lugares. In: PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA. *Proj. História – PUC/SP*. São Paulo, 10 dez. 1993. p. 7-28.

PSEUDO-XENOFONTE. *A Constituição dos Atenienses*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.

PLUTARCH. *Parallel Lives: Life of Themistocles*. London: Harvard University Press, 1914. Disponível em: <  
<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A2008.01.0066%3Achapter%3D2%3Asection%3D3>> Acesso em: 06 Mai. 2017.

RUNCIMAN, Steven. *A civilização Bizantina*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

RUNCIMAN, Steven. *A teocracia Bizantina*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

SENNETT, Richard. *Carne e Pedra: O corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

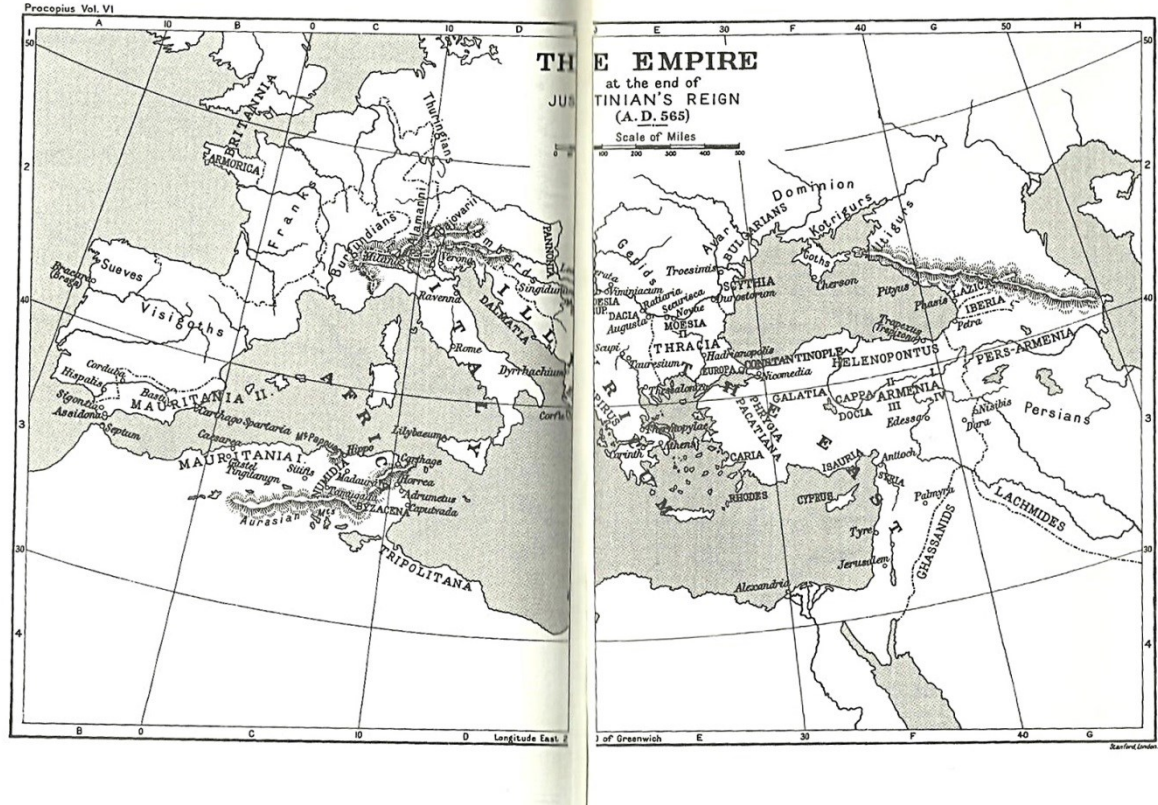
SILVEIRA, Aline Dias da. Algumas experiências, perspectivas e desafios da Medievalística no Brasil frente às demandas atuais. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 36, nº 72, p. 39-49, 2016.

TREADGOLD, Warren. Procopius of Caesarea. In: *The early byzantine Historians*. London: Palgrave Macmillan, 2010, p. 176-218.

VASILIEV, Alexander A. *Historia del imperio bizantino*. Dos volúmenes. Barcelona. Editorial Iberia, 1945.

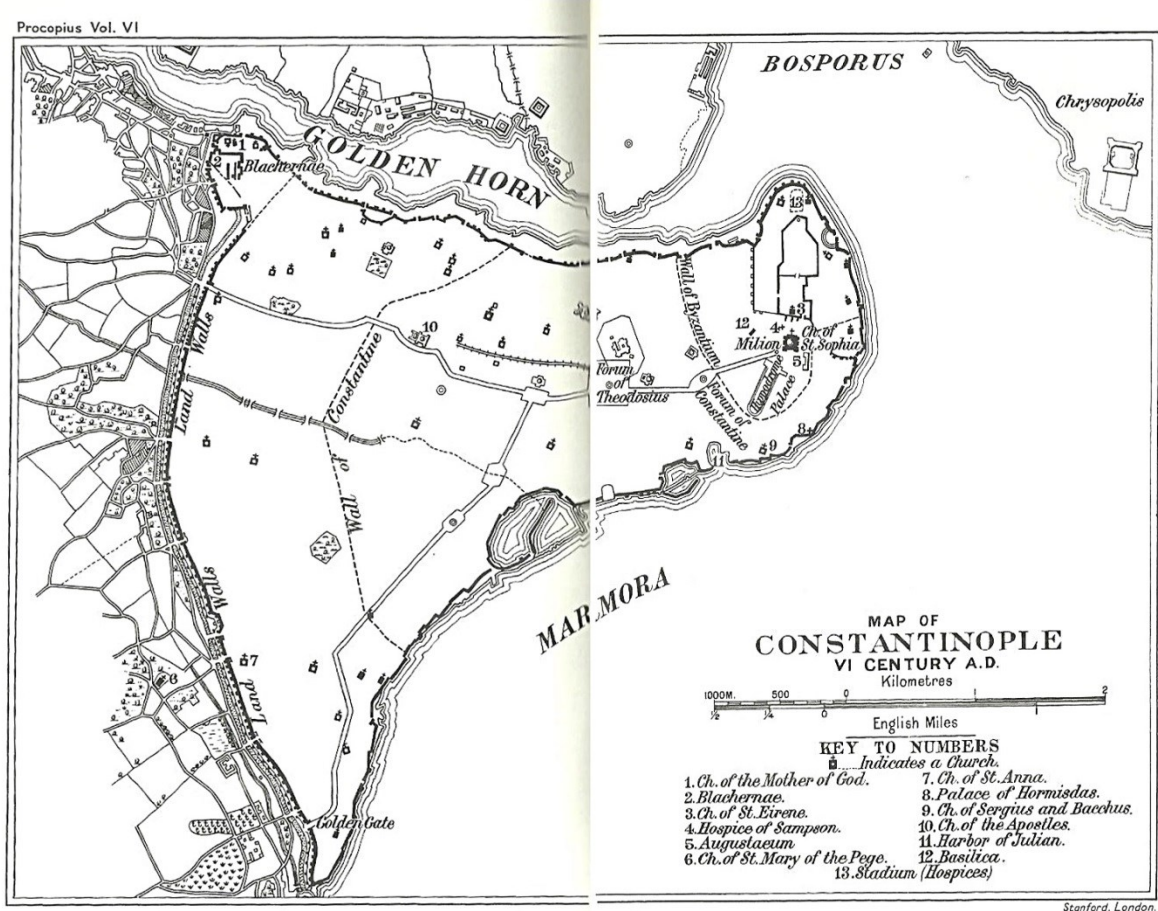
WHITBY, Michael. Justinian's Bridge over the Sangarius and the Date of Procopius' de Aedificiis. *The Journal of Hellenic Studies*, Vol. 105. (1985), p. 129-148.

## ANEXO A – Mapa do Império no século VI



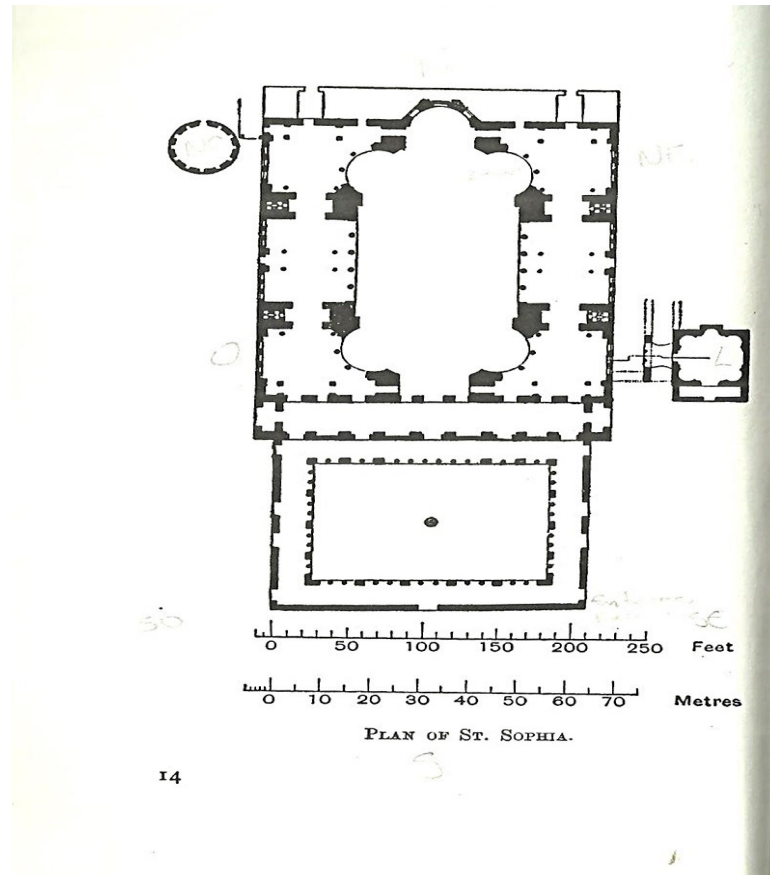
Fonte: PROCOPIUS. *On Buildings* (latim *De aedificiis*; grego *Peri Ktismaton*). London: Harvard University Press, 1954, p. 554-555.

## ANEXO B – Mapa de Constantinopla no século VI

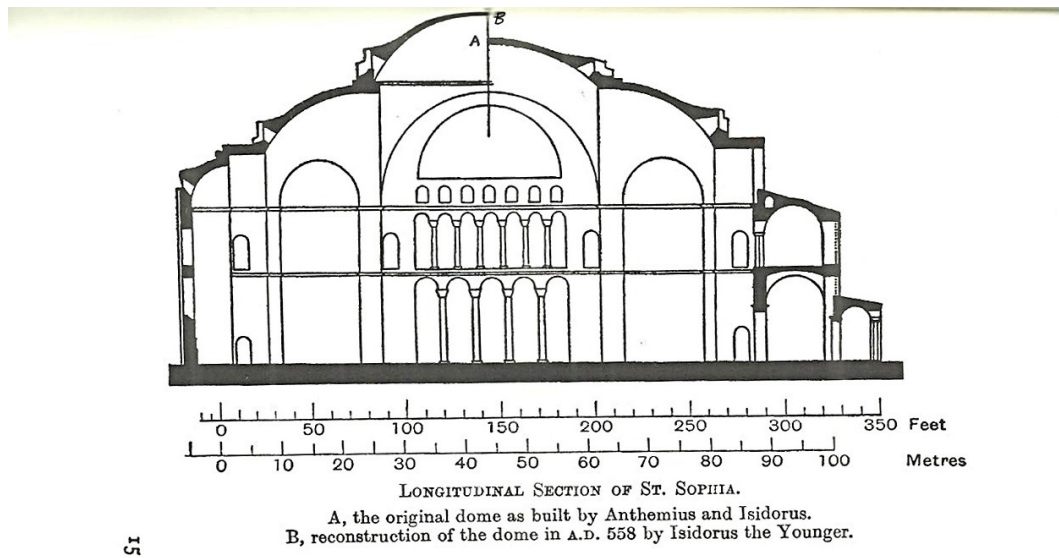


Fonte: PROCOPIUS. *On Buildings* (latim *De aedificiis*; grego *Peri Ktismaton*). London: Harvard University Press, 1954, p. 552-553.

## ANEXO C – Planta da basílica de Santa Sofia



Fonte: PROCOPIUS. *On Buildings* (latim *De aedificiis*; grego *Peri Ktismaton*). London: Harvard University Press, 1954, p. 14.



Fonte: PROCOPIUS. *On Buildings* (latim *De aedificiis*; grego *Peri Ktismaton*). London: Harvard University Press, 1954, p. 15.

## ANEXO D – Imagens da basílica de Santa Sofia



Fig.22a *St Sophia: exterior from the south (author)*

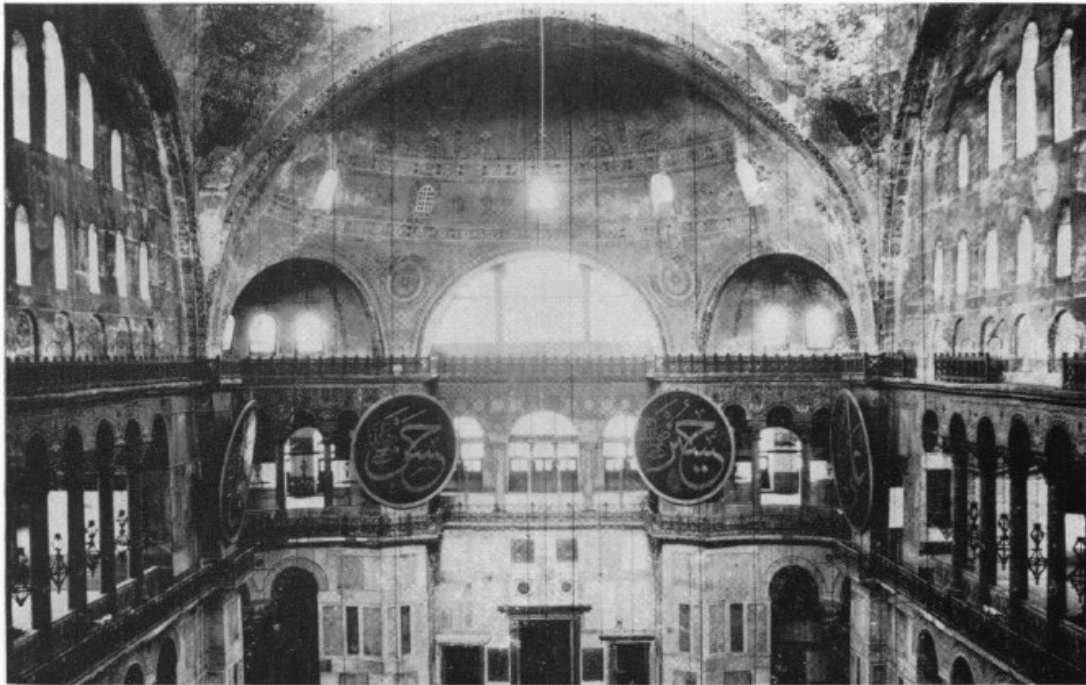


Fig.22b *St Sophia: interior looking west (author)*

Fonte: MAINSTONE, Rowland. Justinian's Church of St Sophia, Istanbul: Recent Studies of Its Construction and First Partial Reconstruction. *Jstor Architectural History*. New York, vol. 12, 1969, p. 102.